

nicol u



a

*alberto puppi geraldo leão décio pignatari roti turin mário quintana sossélla
everly giller reynaldo jardim josé lino grünewald manoel de barros leminski key
chase-sardi josely vianna baptista arnaldo antunes ademir assunção rita brandt
glauco mattoso luis dolhnikoff rodrigo lopes marise manoel cortiano guinski eron
toni ramos wilson bueno nilson monteiro dalva ventura milton ivan paulo marins
macacheira zé augusto ribeiro marianna camargo eliane sato dimas floriani tako
rui marcelo suttill lilian rothert ricardo guilherme dicke cid destefani titãs
simone struminski luiz geraldo mazza vilmar nascimento amilton paulo de oliveira*

No apagar da luz de 1988, Nicolau navega novo verão: dos achados preciosos do poeta Mário Quintana, sua lira & suas lides, ao momento-em-cor dos intensos Títas, anarco-rebeldes, combatentes, atingindo a significativa marca de nossa décima-oitava edição — mensal e nunca interrompida. Mais que um ofício, fazer tem sido o futuro nas mãos e os olhos, muita vez, perplexos ante o presente aturdido.

Mas vamos em frente, como neste número, aos ventos da prosa umas vezes breu, outras, pura epifania, dos fragmentos do fragmento dos manuscritos de *A Nova Holanda*, a escrita automática do tempo em nós andando pelas mãos do poeta Sérgio Rubens Sossella; vamos à alma do amor entre os *navac* — seus mitos e ritos da paixão, no ensaio, exclusivo para Nicolau, de Miguel Chase-Sardi — amores, *mores*, alquimias; vamos à TV plural na fala instigante e perturbadora de Décio Pignatari; vamos à parceria em luas de Alberto Puppi e Geraldo Leão, à contracapa, vivas fabricações vivas de poesia.

Re-olhamos lá atrás: foi duro e mártir a resistência à mais recente tirania brasileira e contamos, entre perdas e danos, o saldo bem trágico de nossa queda-de-braço com o futuro. Pela primeira vez, o Estado patrocina o dossiê sinistro da repressão entre nós, através do livro de Milton Ivan Heller (*Resistência Democrática — A repressão no Paraná*), objeto de ampla matéria nesta edição — da visão particular e pessoalíssima de Nilson Monteiro ao depoimento das vítimas no país da delação e da tortura.

E seguimos, nos navegares de dezembro, entre muitos outros modos, ao coração do triz — ali onde a música dos poetas Manoel de Barros, Reynaldo Jardim e José Lino Grunewald fala (melhor) por nós; tocando a vida, labor e lavouras do sul, de olho em mais um janeiro, Nicolau vê a estrela e pode dizer com João Guimarães Rosa, como quem aposta na manha essencial: "Senhora Dona: o Menino nasceu novamente".

Wilson Bueno

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Governador
ALVARO DIAS

Secretário de Estado da Cultura
RENÉ ARIEL DOTTI

Diretora da Imprensa Oficial do Estado
GILDA POLI

Publicação mensal

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

Tiragem: 76 500 exemplares
Distribuição gratuita

Curitiba, dezembro de 1988
Ano II — n.º 18

Editor
WILSON BUENO

Editora-assistente
JOSELY VIANNA BAPTISTA

Revisão
AMILTON P. DE OLIVEIRA
ELIANE EME SATO

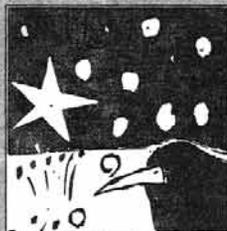
Programação Visual
LUIZ ANTONIO GUINSKI direção de arte
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT
LILIAN BEATRIZ ROTHERT

Redação: Rua Emanoel Pereira, 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel.: (041) 225-7117
Telex: 416245

• Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

• A editoria de Nicolau se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

nicolau



CAPA: Desenho
de EVERLY GILLER

A POESIA FALTA

Falar de poesia hoje no Brasil significa ficar mudo. Ou concluir, como nos 70: nada, de novo no front. Uma espécie de Aids se hospedou na poesia hoje, provocando uma imunodeficiência de idéias, perda de sangue bom, criatividade, artesanato, estudo, tudo. Principalmente na inexistência de um código poético secreto, numa gíria interior que identifique um poeta, dê-lhe sabor. A doença se manifesta na proliferação do vírus do lugar-comum, na diluição braba que fragiliza a língua, na sacralização do verso curto como o meio mais curto de "chegar lá". Falta fôlego. Como não bastasse, os mesmos parasitas ainda infestam nossa poesia, nossos afonosos-romanos, adéliasprados & ugh-gulares. Para eliminar os parasitas e levantar a defunta só atacando ("crítica via poesia") de qualidade. Imediata situação dos parasitas, anestesia geral e injeção *heavy metal*, de vida, de feeling, na veia.

Rodrigo Garcia Lopes — poeta e tradutor.



POESIA PARA QUEM PRECISA DE POESIA

*Não mergulhei minha alma
Na baba dos almanques
Em páginas entrevistas
Entre linhas revistas
De perguntas previstas
Para respostas impostas
Pela barbarie da claque*

*Não retoquei o meu rosto
No lambe-lambe das fotos
Para reimpresões tintas
Sobre tons indistintos
Entre traços extintos
Atrás da máscara cara
Para a retina dos mortos*

*Leizer Gerstel. Retrato
do artista quando pobre.*

Poesia: do grego $\pi\omicron\lambda\epsilon\iota\sigma\tau\iota\kappa\omicron$. o fazer. Poema: do grego $\pi\omicron\lambda\epsilon\iota\sigma\mu\alpha$. o feito. A etimologia, tratando-se de linguagem, não poderia ser mais clarificadora, ao retirar de sob a capa opaca das conotações cotidianas uma denotação revitalizada. Se poesia é fazer, fazer poesia é fazer fazer. Ou: fazer, fazer, trabalho árduo, incessante, intenso. Ou: fazer o fazer, municiar, instrumentalizar. O poema mal-feito torna-se, assim, um oxímoro. Como o poema fácil: nenhum feito o é.

A poesia não permite então nada a quem do perfeito. A etimologia reilumina: a perfeição poética é aquela do que está encerrado, pronto, acabado, ou, etimologicamente, per-feito. Se uma obra não é aberta por construção, mas pronta em sua não prontidão apenas por insuficiência técnica de resolução das variáveis envolvidas, torna-se um simulacro. César Vallejo: *Na natureza não há nada mais orgânico que um poema; se a uma árvore amputa-se um ramo, ela vive; se a um animal amputa-se um membro, ele vive; se a um poema amputa-se uma palavra, um sílaba, uma vírgula, morre.* Maia-kóvski, em recriação de Haroldo de Campos: *O difícil é a vida e seu ofício.* O ofício da poesia pode ser um vício. Mas não

será nunca fácil, pois é um vício jamais satisfeito. Dante infernal: *Quanto mais come mais sente fome.* Quanto mais se faz, mais se quer fazer. Mas fazer como? Fazer o quê?, se o público não sabe ler, se poesia não vende, se poesia não... Falar de rock? Fazer poesia fácil? Ela, como quer a etimologia, não existe. Embora facilidades verbais e visuais, sintáticas em suma, correntes, obscureçam esta informação ao autodenominar-se, justamente, poesia.

Não há cultura sem poesia, porque não há linguagem sem poesia, e não há cultura sem linguagem.

T. S. Eliot: *Nunca achei prudente violar as regras até que se saiba como observá-las.* Carlos Drummond de Andrade: *O modernismo permitiu que quem não sabe escrever escreva.* Afirmações sérias demais para serem lidas com pressa ou calma. Mas para que saber escrever, se, hoje, nos livros nos discos nos jornais, quem não sabe o faz? Resposta com Eliot. Resposta com Drummond. Ou sinteticamente: saber fazer, fazer saber. E, claro, saber ler.

Quando tudo é fácil, tudo é nada. Não há poesia fácil. Poesia fácil não é. Não é? Mas, e o mercado? Cristo: *A César o que é de.* O mercado aos mercadores.

Ou os poetas esquecem as modas e o médio, o preço de capa e as tiragens, e tiram o dia para lembrar o ritmo, lembrar a rima, a melopeia, a forma soneto, a *terza* dantesca, a providencial Provença, a logopeia, ou ao menos uma idéia (antes, e independente, de partirem, os seduzidos de vanguardismo, para aventuras herbi-bobobisuais, conceituais, intersemióticas, inter-sígnicas, de ocasião, enquanto gaguejam com o verbo), ou nada. Os poetas pensam em páginas de jornal, entrevistam entrevistas, mapeiam os *mídia*. A César o quê? As manchetes para os michês. O merdimercado de *best-sellers* para os merdimercadores.

Felizmente, poesia não vende. Tanta não-poesia, poesia fácil, se fez e se faz, poesia que não se faz, que, se se vendesse poesia, não se venderia poesia. O público está a salvo dos infinitos não-poetas que fazem seu não-fazer por aqui.

O movimento concreto souou um ponto à linha evolutiva da poesia brasileira. O modernismo, e os vários vetores do experimentalismo mundial da primeira metade do século, foram o ponto imediatamente anterior. Depois, vanguardismo. A semente viciante dos seus frutos verdes encontrou solo fértil na porosa superficialidade cultural dos filhos senis do pós-guerra. Esquecem a mais que óbvia etimologia militar da palavra vanguarda, como esquecem o desconhecem qualquer etimologia. A vanguarda deve, por vício de origem, em sua função de ganhar terreno ao inimigo, ser uma força de elite. De fazer, se exige no mínimo o máximo. O terreno inimigo, aqui, é o tempo e a mediocridade. A vanguarda foi derrotada pelo vanguardismo. Por não respeitar uma lei militar básica: é impossível lutar sem apoio logístico. O vanguardismo estendeu para além do suportável a distância com as bases da cultura. Os abustres dos *médias* e do baixo repertório se abatem sobre o cadáver do fazer.

Não importa o gosto do público. Importa o que o poeta faz. A massa não cresce sem fermento.

A escassez de poetas é, a despeito de ilusórias quantidades, um bom sinal. Bons sinais, bons signos, são raros. Não-poetas há muitos. Mas eles não são. Fossem muitos os poetas, algo estaria errado: fazer não é fácil.

Laís Dolnikoff — poeta.

claro-escuro

Ricardo Guilherme Dicke

Um domingo destes, à tarde, fomos comprar plantas num estabelecimento japonês do gênero, na estrada do Coxipó: um herbário zen onde se conservam muitas espécies de plantas. Estufa com terra preta e serragem, coberta por um teto de taquaras espaçadas que deixavam passar a luz e davam pouco sol, mais sombra, fresca e úmida, cheia de pequenas árvores e plantas. Luz ideal para esses viventes de folhas e ramos. Minha alma reconheceu imediatamente as plantas, o reino da quietude possível no mundo. Feliz da felicidade de descobrir possíveis paraísos. A paz. O dono japonês com quem conversamos sobre zen. Bambus. Sombra. Silêncio. Quietude. Como um santuário nas montanhas. Culto oriental da tranqüilidade.

★★★

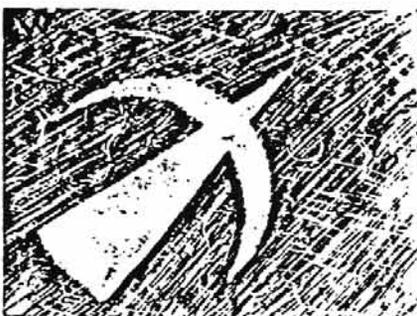
Corpo: finito. Alma: infinito. Universo: infinito. Funde tua alma infinita no universo infinito. Não descanses enquanto não sentires essa emergência infinita: *Conhece-te a ti mesmo e assim conhecerás o Universo*: assim estava escrito no frontispício do Templo de Delfos.

★★★

O sonho sempre se ilumina quando se põe uma lanterna atrás da orelha, porque o sonho vem atrás da orelha da lanterna e até a lanterna se ilumina com o sonho de quem sonha com a lanterna iluminada por um sonho atrás de uma orelha que ilumina uma lanterna iluminada pelo sol de uma orelha.

★★★

Noite suavemente negra em Pascoal Ramos, domingo. Mulher branquíssima. Tesão negríssimo. Eu: a mais profunda necessidade de nascer de meu pai e de minha mãe, Henrique e Carlina, para a redonda contingência deste mundo efêmero e breve, onde só se recompensam os idiotas.



Nada salva a profunda dor do homem, quando esta vem das fontes da vida, nem o frescor das grandes florestas em sombra, nem a visão consoladora do mar entre espumas e rumor de marés, nem o infinito céu azul de toda doçura, nada: só as lágrimas secretas, amargas e gratuitas.



Por que, Senhor dos infinitos, dono dos abismos, não me presenteaste com o anonimato do Nada, por que me ensinaste a nascer e a morrer, por que não me enumeraste entre os que não nasceram e nunca irão nascer, os que não fazem parte da vida, os que não vieram nem virão à luz da existência, os que nunca verão a morte?

★★★

Baixar ao reino puro e mineral, silencioso da terra e ali esquecer a memória de tudo que tive na vida, perder a memória da vida, de que continua a haver vida na terra por séculos e séculos que passem e não se cansam de passar, de que continua a bater o coração monocórdico da natureza feito de tempo e de espaço.

Ilustração: vilmar nascimento



Pelos poros de um homem saem moedinhas de cobre que crescem e se tornam moedinhas. Outro homem rico vê isso e lhe pergunta: Uai, como isso é possível acontecer com você e comigo? Você é pobre e eu sou rico. Não devia haver talvez uma lei? O pobre diz: Mas isto é o meu suor que vem do teu suor transubstanciado em ouro. Eu sou mais, mas sem o seu suor não há dinheiro. E o rico diz: Mas o meu suor não vem apenas do suor, vem, e muito mais, da merda que eu obro (segundo Freud). Foda-se então, diz o pobre, e continua a suar ouro.

★★★

O direito inviolável que tem cada pessoa de esconder um segredo, a existência toda para levá-lo à tumba. O cemitério povoado de segredos... que as bocas dos mortos segredam às tumbas sob as estrelas solitárias.

★★★

Aquele que conhece a significação interna dos livros que escreve, o conhecedor dos parâmetros e do estilo, aquele que conhece os ritmos e a extensão das frases, a largura e a profundidade das palavras, este viaja sem cessar, sem esforços, pelo caminho da libertação, igual àquele que conhece as escalas musicais e os instrumentos de música e aquele que conhece as cores, as linhas e as formas.

★★★

A vida tem de ser escrita como ela veio, não como ela não veio, porque ela não vem para quem quer, ou não quer, ela vem para os nascidos de homem e de mulher que jazem em si no fundo de si mesmos ou na morte ou na vida, dependendo de todas as coisas, de si mesmo e dos outros.

★★★

Quem vem de longe para longe vai e quem vem de perto para perto vai, só não vai longe quem não vier de perto e não for sonoso porque tudo embarca na mesma canoa do sono rumo a todas as distâncias possíveis que vão morrer no fundo do homem na noite e renascem com os homens no fundo de si mesmo quando emerge e vem do crepúsculo nascente que balança do tirante hipocondríaco do dia renascendo.

Ricardo Guilherme Dicke, 52, e autor de *Deus de Caim* (Rio de Janeiro, Edinova, 1969), *Madona dos páramos* (Rio de Janeiro, Antares, 1982), *Cadeira* (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987) e *Último horizonte* (São Paulo, Marco Zero, No prelo.) Mora em Curitiba.

Nós com o pé na profissão

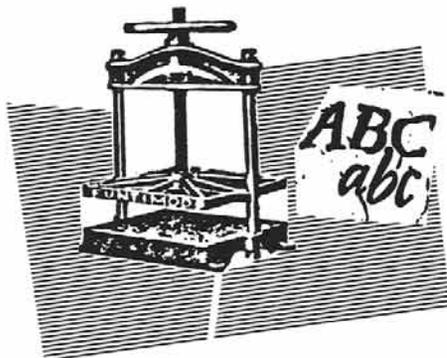
José Augusto Ribeiro

Dia pós dia. Olhos curiosos de José Augusto Ribeiro pousam nas páginas de *Última Hora*. Office-boy, topa ali pela primeira vez com o amigo teatrólogo Nelson Rodrigues. Vão e vêm os anos e o jornalista Zé Augusto mais e mais adentra na imprensa brasileira. Aqui, em líricas linhas finas um coração cheio de saudade. Recorda a mulher Neila, atriz, Tancredo Neves, seu talismã senador e muitos outros. Vida e carreira por fazer. Caminhadas sentinelas, de fincar o pé, de cravar memórias.

Naquele tempo não se exigia diploma, ninguém usava crachá e o CPF nem tinha sido inventado. De modo que não era difícil entrar na profissão cedo e sem formalidades.

Com 18 anos, mal entrado na Faculdade de Direito, fui trabalhar na *Tribuna do Paraná*, filhote do *Estado*, que estava sendo lançada naquele momento (1956). Com 19, em maio de 57, passei a fazer os editoriais e a coluna política do *Estado* e — sem ter ainda votado numa só eleição — desandei a dar palpite no jornal contra o governo, o federal, de Juscelino, e o estadual, de Moisés Lupion.

Isso na época era perfeitamente normal, as redações cheias de estudantes. Dois, pelo menos, já eram profissionais, antes mesmo de terminar o colégio: Emílio Zola Florenzano e Dino Almeida. Antes de terminar o colégio, o que consegui foi trabalhar num serviço médico da Previdência Social, chamado Samdu, com o cargo de estafeta e meio salário mínimo (porque, no serviço público, menor de 18 anos só podia ser admitido como estafeta, que é a tradução de *office-boy*, mensageiro, em burocratês). O cargo era esse, mas o trabalho era controlar o relógio-ponto e a folha de pagamento de todo o pessoal: eu sabia, portanto, que não havia salário menor que o meu. Era só meio mínimo, mas era salário, garantido todo o fim de mês; e dava até para comprar todo dia, na banca da Travessa Oliveira Belo, a edição da véspera do *Última Hora*, único dos grandes jornais do Rio a defender Getúlio Vargas na crise de seu suicídio, em agosto de 1954. O *Última*



ZÉ AUGUSTO, IMPROVISO QUE DISPENSA EDIÇÃO

Luiz Geraldo Mazza

Uma das lembranças mais fortes que guardo do José Augusto Ribeiro é a da campanha eleitoral de 1962, a primeira com acesso à televisão e ao rádio e sem critérios proporcionais, o que a caracterizava como verdadeiramente democrática. Militávamos no Partido Socialista Brasileiro e a mim era atribuída a missão de organizar tais programas no vídeo. Um dia sugeri ao Zé que fizesse um improviso sobre uma série de greves na Baixada Santista, enquadrando-o numa perspectiva do que entendíamos por socialismo. Foi uma das mais bonitas lições de técnica de jornalismo, seguida de uma avaliação crítica na perspectiva doutrinária de um país carente de reformas estruturais, tudo isso dito com desprezo aos clichês da moda.

Orador forte, que fazia da concisão a sua melhor arma, como quem busca, à maneira de João Cabral de Melo Neto, a essência das coisas, "a face só lámina", escreve quase da mesma forma como fala. Suas intervenções na campanha de Ney Braga no governo estadual, como orador e editorialista de *O Estado do Paraná*, foram decisivas, como também na resistência ao golpe que se pretendia no país contra a posse de João Goulart. Nesse episódio revelou o seu engajamento visceral: além da fala e da escrita, alistou-se como voluntário, ao lado de outros colegas, nas milícias que o prefeito Iberê de Mattos organizou.

Muito antes de tudo isso, inclusive de sua inserção como editoralista, tivemos um encontro: o seu batismo como repórter no *Diário do Paraná*, a melhor escola de jornalismo, em termos de modernidade, de que dispúnhamos e que eu chefiava. O *Diário* fazia da suíte — a seqüência das matérias e sua permanente recriação, a continuidade do assunto, para levá-lo ao esgotamento — uma espécie de rotina. Naquela época passavam pelo setor dezenas de "focas" e estagiários e a rotatividade se intensificava pelo fato de que o jornal, naqueles tempos românticos, costumava atrasar pagamento e usar o sistema de vale, quase a "orelha de jegue" dos camponeses. E o Zé Augusto, o mais brilhante e inspirado dentre os que deram ali os seus primeiros passos, teve como uma de suas primeiras missões uma série de reportagens, em tom de denúncia, sobre o cartel que comercializava "maças argentinas". O repórter não se limitou a revelar a mecânica do sistema, como também entrou em detalhamento sobre licitação de câmbio e relações do comércio com a Argentina, uma espécie de anatomia num oligopólio, o que não deixava de ser uma ousadia num veículo de linha liberal conservadora dos "Associados".

A derradeira "sociedade" que tive com o Zé foi no Inquérito Policial Militar que atingiu os que, como eu e ele, atuaram no jornal *Última Hora*, enquadrados inclusive como ligados a potências estrangeiras, coisa típica do lado bufo do golpe de 1964.

publicara pouco antes uma entrevista de Neila. Que mulher maravilhosa, meu Deus! Telefonei encomendando uma série de artigos sobre Di Cavalcanti, cujo arquivo Neila organizara, e conguei que ela me recebesse em sua casa. Nunca mais saí de sua vida — e nunca mais vou sair, embora ela tenha todas as razões para me apresentar o cartão vermelho. Em janeiro de 85, de volta daquela viagem depois da eleição, a sorte que o presidente Tancredo Neves sempre me dava, e que na solidão e dureza da campanha eu temia ter-me abandonado, essa sorte voltou a sorrir. Era uma sorte específica, sorte com mulher. Cada vez que eu entrevistava, ou simplesmente visitava, o senador Tancredo, e depois o governador Tancredo, alguma coisa boa acontecia. Já o talismã do candidato Tancredo e do Presidente eleito Tancredo parecia com uma pilha gasta. Mas eis que voltamos da viagem e Neila topou.

— Minha senhora -- diz um personagem de Nelson Rodrigues — sabe que sinto por ti forte atração. Pode ser ou está difícil?

Não foi assim que perguntei, mas era assim que me sentia. Perguntei:

— Quer casar comigo?

Ela quis, e aí começou mais um ato na aventura que, para mim, é a mais linda história de amor de Nelson Rodrigues, um amor para além da vida e para além da morte, como dizia Neila, no papel de Joice, no *Anti-Nelson*.

Foi para ficar com Neila no Rio, e também para estar perto de meus filhos, que não topei trabalhar em Brasília, com o presidente Tancredo Neves. Mas quem mandou ele me dar tanta sorte?

Fu admirava Tancredo Neves, desde 54, por sua coragem e serenidade junto a Getúlio Vargas, na tempestade daquele agosto. Mas só vim a conhecê-lo pessoalmente em 78 ou 79, ele já senador. Depois da primeira entrevista, eu já sabia que gostava dele. Mas o quanto o amei só vim a saber na Via Sacra de março e abril de 85. Na manhã em que me avisaram de sua transferência do hospital de Brasília para o hospital de São Paulo, percebi que o tínhamos perdido.

Ajoelhado, chorando aos uivos, debaixo do chuveiro, rezei pela primeira vez desde a adolescência. Rezei, não. Gritei. Com fúria.

— Se você existe, Deus, me faça uma coisa. Me tire tudo. Tire até a Neila, faça que eu a perca. Mas deixe o dr. Tancredo viver.

Dr. Tancredo foi meu outro grande encontro na vida — e vejo que a vida me deu muito além do que pedi. Naquele ano de 54, eu podia imaginar um grande futuro para Tancredo Neves, mas como poderia supor que houvesse lugar para mim, a seu lado, nesse futuro?

Bato este ponto de interrogação e ouço Neila cantarolando.

— *Gracias a la vida, que me ha dado tanto...*

José Augusto Ribeiro, jornalista, é comentarista político do Jornal da Bandeira



Hora saía à tarde e só chegava em Curitiba no dia seguinte — mas eu lia inteiro e foi nele que tive meu primeiro encontro com Nelson Rodrigues. Vinte anos mais tarde, foi com o Nelson que consegui o telefone de Neila Tavares, para quem ele escrevera, pouco antes, sua peça mais romântica e a que mais amou: *Anti-Nelson Rodrigues*. O telefone era 265-7919 e quando foi vendido, tempos depois, senti muita saudade dele. Eu já tinha visto Neila no *Anti-Nelson* e em um ou dois filmes. Tinha publicado no *Globo*, a pedido de Nelson, uma reportagem sobre o livro de Neila, que redescobria e revelava os desenhos de Roberto Rodrigues, irmão de Nelson e artista fantástico. E o *Última Hora*, sempre o *Última Hora*.

TONI RAMOS

brega ou chique?

Impressionante o Toni Ramos. Por sua sinceridade, caráter e coerência. Não tem nada a ver com a imagem de bom moço que costuma interpretar nas novelas. Ele repudia o rótulo e se esforça para fugir dele. É uma pessoa tão ética, segura, serena e honesta que não poderia dar outra. Meigo por natureza, um cavalheiro a moda antiga, Toni tem "um caminhar" de amigos, como ele mesmo diz. Quem o conhece na intimidade jura que não existe ninguém mais falante, descontraído e brincalhão. Sempre dá um jeito de atender a todos: os repórteres que o procuram, as fãs em busca de um autógrafo. Não é à toa que ele mesmo destaca a generosidade como um de seus principais valores. Toni irradia uma tranquilidade de espírito magnética. Pode exclamar "Jesus do céu" ou usar gírias francamente em desuso, como "coisa pra dedê", por exemplo, ao mesmo tempo em que cita filósofos e é capaz de expor suas convicções com a maior clareza.

Distante das badaladoes, indiferente ao *star system*, foi ele, porém, quem puxou uma paralisação de artistas da Globo por uma jornada de trabalho de no máximo oito horas e pagamento de horas extras. Considerando-se um "leitor voraz", encontra na música e no cinema suas grandes paixões. A versatilidade sempre lhe garantiu bons papéis no teatro, no cinema, mas foi na televisão que ganhou a fama e o prestígio que usufrui hoje. Paranaense de nascimento - e também de coração -, Toni Ramos revela aqui, exclusivamente para os leitores do **Nicolau**, a sua vida profissional e pessoal.

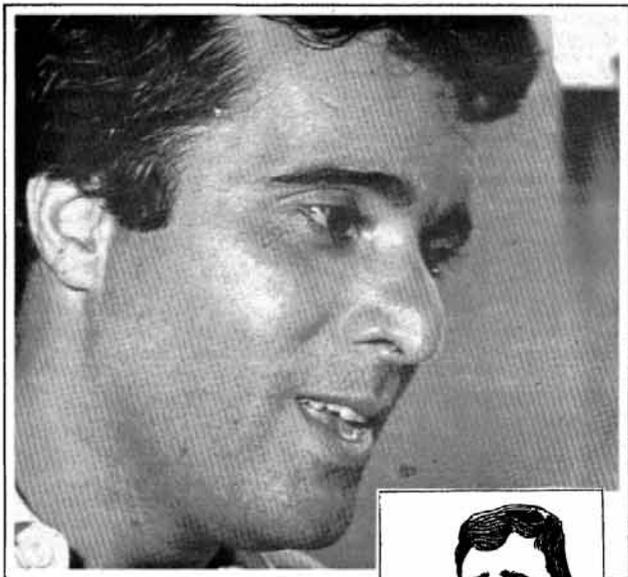
Toni Ramos — É realmente um prazer estar aqui falando ao **Nicolau**. Ah, nosso belo Paraná, nossa bela Curitiba, nosso delicioso barreado...

Nicolau — Pelo que se vê, você se orgulha de sua origem sulina. Mas eu sempre soube que Toni Ramos era paulista. Você seria um paranaense por acidente, tendo sido criado mesmo em São Paulo?

Toni Ramos — Sou paranaense sim, com muito patriotismo, *poxa!* Mas sou mesmo de uma família paulista, embora com a emigração no sangue. Meu pai era um cidadão do mundo. Tentou ganhar a vida como vendedor, motorista de caminhão e acabou ficando em Arapongas, onde eu nasci. Meus pais se casaram em Jaú, interior de São Paulo, mas logo seguiram os passos de meu avô e um tio mais velho, irmão do meu pai. No início dos anos 40, o norte paranaense estava sendo descoberto, muitas cidades fundadas, a partir de Londrina. Vários paulistas, como os da minha família, foram atraídos por esta nova terra, devido à proximidade fronteiriça com o estado. Afinal, lá estava o "Eldorado". Era a oportunidade não só de ganhar dinheiro, como também de fincar novas raízes. Lá, meu avô começou um verdadeiro desbravamento, construiu hotéis de madeira em Apucarana, em Maringá, cidades que engatinhavam. Minha família era de trabalhadores, de bateladores da vida mesmo, não de latifundiários.

Noite paranaense de estrelas azuis. Caçada a pirilampos. Cheiro de terra, rubras lembranças da casa de madeira, dos pés descalços: *sir* Toni Ramos, nudo e desnudo, memora aqui, diretamente da sala de elenco para **Nicolau**, a infância de já 40 anos em Arapongas, no interior do Paraná, e o teatro, a novela, o cinema. O irreverente "bom mocinho", veterano ator brasileiro (a la Riobaldo, o Tatarana, a la Tônico), o revolucionário agitador de lutas muitas, em pura e simples confissão: "Eu sou é muito doidão".

entrevista a Dalva Ventura



Vivi em Arapongas meus primeiros oito anos. Nasci em 1948 — portanto, há 40 anos — numa Arapongas ainda bebê, talvez com uns cinco, dez anos no máximo. Sou fruto do solo norte paranaense e tenho pela minha terra — aliás, adorável terra — muito carinho. Afinal, quem é que não gosta do solo onde nasceu, onde cheirou a terra pela primeira vez. É claro que eu não tenho o chamado cotidiano da terra. Este eu guardo mais da infância paulista, e evidente. Cheguei a morar também em Jacarezinho (PR), por uns dois anos, depois em Ourinhos e Avaré (SP).

Nicolau — Pelo que você nos conta, sua vida foi bastante itinerante, não?

Toni Ramos — Sim. Até os cinco, seis anos foi uma vida andariha mesmo, cigana, fruto da busca de sobrevivência do meu pai. Depois o casamento de meus pais acabou não dando certo e a mãe voltou para São Paulo, mais precisamente para a Vila Maria, onde fui criado. De lá não sai mais, só para o Rio de Janeiro, já adulto. Minhas memórias de infância são muito misturadas. Fui um garoto de pisar no chão, de correr nos galinheiros, de morar em casas de interior. Até morei em uma casa de madeira



em Arapongas, veja você! Tenho fotos minhas por aquele chão de barro vermelho. A foto é em preto e branco, mas você sente aquele calor da terra na própria pigmentação da fotografia.

Nicolau — Agora vamos dar um salto. Conte-nos como começou sua carreira. Como um garoto pobre, de origem modesta, conseguiu chegar onde você chegou?

Toni Ramos — Minha base foi o teatro e aqui não há outro jeito senão este *chavão* de todos os artistas. Verdade mesmo: desde menino, só pensava em ser ator. Eu treinava imitando políticos da época, como Ademar de Barros, Jânio Quadros. Posso dizer que comecei mesmo há 27 anos em São Paulo, no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, onde eu estudava, e que até hoje tem um grupo amador fortíssimo. Era um espetáculo todo meu: texto, direção e interpretação. Eu tinha 13 anos, veja você. Depois, com uns 15, participei de um programa na TV Tupi chamado Novos em Foco. Foi recusado, por ser muito jovem, mas acabei conseguindo um script e um papel. A partir daí, as coisas foram surgindo. Tive a oportunidade de viver e presenciar a grande época da Tupi. Quando assisti, há alguns anos, àquela noite de vigília para evitar seu fechamento, chorei, como todo mundo chorou. Foi triste perder uma casa de trabalho, principalmente quando se passou 14 anos nela. Devo tudo o que sou à Tupi. Sem ela não seria o profissional que sou hoje.

Nicolau — Você diz que sua base foi o teatro, mas seu sucesso se deve basicamente à televisão, não?

Toni Ramos — Claro. Não há ator no Brasil hoje, com raríssimas exceções, que possa negar este fato. De uma forma ou de outra, o que tenho a dizer é que construí minha carreira com muita luta. Não foi assim da noite para o dia. Eu fiz mais de cem peças em teleteatro, 18 espetáculos teatrais. São 33 novelas, 55 filmes, além de casos especiais, minisséries, enfim, "coisa pra dedê". Já representei em Portugal, em alguns estados do país. Tenho uma carreira da qual me orgulho mesmo, confesso a você.

Nicolau — Você falou em ser reconhecido fora do Brasil. Isso se dá, é claro, por causa da comercialização das novelas globais para outros países. No exterior também existe essa idolatria, essa coisa de mito como aqui, em relação aos atores?

Toni Ramos — Se você ver as cartas que eu recebo, não dá para acreditar. Da Alemanha, da Inglaterra, de Portugal, de toda a América Latina, sem exceção. Foi este ano à Nicarágua a convite oficial e, sem brincadeira, fui tratado como um chefe de Estado. Não tenho filiação partidária, mas me emocionei. Admiro o esforço desta revolução para encontrar seu próprio caminho, apesar do sofrimento e da dor que tive de presenciar. Quero ir ainda este ano a Cuba, depois de terminar as gravações de *Bebê* a Bordo. Acho uma loucura esta penetração da novela. Em todas as sociedades, em todas as tendências ideológicas.

Nicolau — E esta fama de bom moço a lhe perseguir. Isso lhe incomoda?

Toni Ramos — Me enche o saco. Não há outra expressão para definir.

fotos: arquivo Diócio editores

Não sei onde isso começou. Talvez por eu ser extremamente uma pessoa tímida, quieta. Na intimidade, quando estou com meus amigos, sou outro. Ai não tenho nada de circunspeto. Sou até muito falante, dizem que sou um grande contador de histórias, gosto de imitar os colegas. Falo pelos cotovelos, como você está vendo. Mas assim, à primeira vista, sou sério mesmo.

Outra explicação é a minha própria vida pessoal, que sempre fiz questão de preservar, é algo intrínseco em mim. Minha mulher, meus filhos, minha casa. Não misturem personagens comigo, que não vai dar certo. Eu, Antônio de Carvalho Barbosa, não abro mão do meu papel de pai, de marido, e isso às vezes incomoda e estigmatiza as pessoas. Estou casado há 20 anos com Lidiane, uma parceira fantástica, de muitas lutas. Um casamento que sobrevive às crises, às discussões, que tem fidelidade mútua e o olho no olho como sua base. Tenho dois filhos maravilhosos, o Rodrigo, de 17 anos, e a Andréa, de 15. A bem da verdade, essa imagem que fizeram de mim, essa coisa de careta e tudo mais, vem do fato de eu ser um bom marido, um bom pai, de adorar minha mulher e meus filhos. Se isto é ser careta, sou mesmo. Um caretão assumido. Não vou abrir mão de uma família em função de imagem.

Sou um brasileiro normal, filho de uma imigração europeia normal. O que eu tenho — e sei que tenho — é muita perseverança no meu trabalho, uma seriedade que me faz cumprir religiosamente meus horários, decorar todas as minhas falas, aperfeiçoar-me sempre e ser uma pessoa ética ao extremo. Se isto é ser careta, repito: sou um caretão. Mas, cá entre nós, quem me conhece sabe que eu sou é meio doidão, cheio de manias excêntricas, com a imaginação a mil.

Música, poesia, cinema: de Fellini a *Crocótilo Dundee*, de Mahler a Cauby.

Nicolau — Quem é o verdadeiro Toni Ramos, então?

Toni Ramos — Nem eu sei! O que quero deixar claro é que eu sou um cara angustiado como todo mundo, ansioso como todo mundo, que às vezes acorda irritadão, embora procure não passar isso para os outros. Sou uma pessoa que se questiona o tempo todo. É com paixão que eu levo minha vida, minha carreira. Mas minha verdadeira identidade não é esta que fizeram de mim. Gosto de beber um bom vinho, um uísque de vez em quando, de uma boa comida. Aliás, um de meus planos é abrir um restaurante, algo requintado que ainda não existe mesmo. Sou um gourmet, leio culinária do mundo todo e sonho em ter um lugar com um bom piano de cauda onde, além de uma comida de primeira, se possa até fazer saraus poéticos. Já pensou?

Outro de meus hobbies é a música. Fico realizado só em ouvir Mozart, sinfonias — a 5ª de Mahler, mi-

nha favorita. E sou um sorvedouro de poesia. Estou até reunindo material para um espetáculo que sonho fazer, e que, ao mesmo tempo, me apavora, pois acho que o público pode não aceitar, acostumado do jeito que esta com obra descartável... Mas, se ele um dia sair mesmo — e sempre acabo realizando meus projetos — quero incluir algo do Leminski, aí da terra, que leio e acompanho.

Nicolau — Ao que consta, você também escreve, não?

Toni Ramos — São textos incluindo romance, conto, poesia. Não acho que escrevo mal, não. Tenho alguma competência, acredito. Mas prefiro guardar esta "suposta" competência para mais tarde. Talvez surpreendentemente eu acabe desabrochando no próprio Nicolau, como colaborador. Seria interessante.

Mas antes prefiro ouvir a opinião de pessoas abalizadas para isso, um escritor, um crítico amigo.

Nicolau — Entre os artistas "globais", você é um dos poucos que não aparece na noite, que quase não sai de casa. Por quê?

Toni Ramos — Depois do vídeo, menos ainda. Só para ir a alguns poucos restaurantes selecionadíssimos, porque nisso sou exigente mesmo. Eu e Lidiane somos videomaniacos. Eu cultuo Bergman, Fellini, Capra, Kurosawa, mas adoro também, para você ver, *Crocótilo Dundee*. Gosto de passar meu tempo livre com a família, os amigos chegados, ouvindo música,



clássica à mais brega. Choro de sair lágrimas quando ouço *Recuerdos de Ipacará*, uma guarânia cantada por Angela Maria e Cauby Peixoto. Será recordação da infância paranaense? Tem cheiro disso, não? Agora, o meu vício mais recente é viajar. Junto à mulher, aos filhos, saio pelo mundo, ora aqui, ora lá. Ai gasto todo meu dinheiro.

Nicolau — Voltando. A sua imagem está definitivamente associada à TV Globo, às novelas. Como você vê isso?

Toni Ramos — Sou contratado exclusivo da Globo há uns 13 anos, uma casa onde eu gosto de trabalhar. Uma empresa que, se pararmos para pensar, emprega mão-de-obra brasileira pra valer, emprega mesmo gente "a dar com o pé". Tai o horário

nobre, com gente brasileira trabalhando; tai a ficção, diariamente por três horas, além da minissérie, dos casos especiais. Mas meu contrato renovava a cada ano, ano e meio. Em janeiro termina meu vínculo com a Globo. Poderei continuar ou não. O amanhã a gente nunca sabe. Mas em 89 não deverei fazer televisão. Quero ver se estréio uma peça de teatro, viajando pelo Brasil. Quem sabe até estréio no Guaira. Seria interessante: nunca atuei lá. Já fui com espetáculos meus até em Joinville, Florianópolis, Porto Alegre e ainda não fiz Curitiba. Mas espero ir logo, escreva isso aí.

Novela não é ópio do povo. Há preconceito contra tudo que faz sucesso no país.

Nicolau — Toni Ramos é famoso e querido. Ficou rico, também?

Toni Ramos — Não tenho salário de milionário, como imaginam as pessoas. Sou um ator de uma Hollywood tupiniquim, terceiro-mundista. Sou um homem absolutamente de classe média alta, nada mais. Tenho consciência de que sou um pequeno burguês bem sucedido.

Nicolau — Há pouco você falava de seus planos junto à TV Globo. Quais são eles?

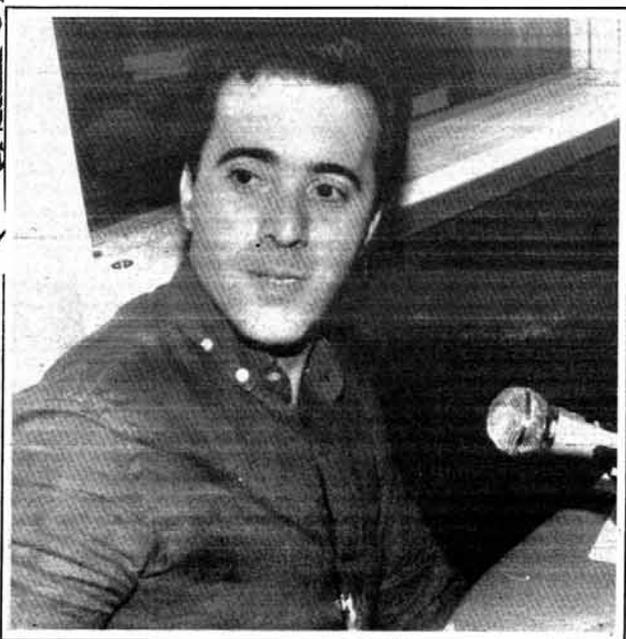
Toni Ramos — Gostaria que a emissora voltasse a ter um teleteatro semanal, tipo sexta-feira, às 21h30 min. Já pensou que barato? Com uma peça que começasse e acabasse no mesmo dia. Na realidade, estou sempre convocando os empresários de televisão no Brasil — não só a Globo — a fazer ficção. Está provado que novela, minissérie, estas coisas todas, dão muito mais ibope que americano

vivo ou morto. E gostaria também de ficar atrás das câmeras dirigindo alguma coisa.

Nicolau — Não seria um pensamento nacionalista demais? Na verdade, há boas coisas de todos os países, inclusive dos Estados Unidos, para ser ver...

Toni Ramos — Não sou contra a importação de filmes americanos ou de outros países. É óbvio que eu adoro ver Janela Indiscreta, acho um barato a série do E. Teimoso, que quando não posso ver, até gravo. O que é lamentável mesmo é a perda das produções regionais em função de enlatados. Com isso, eu não me conformo. Temos que reconquistar este espaço. Na TV Paraná, por exemplo, fazia-se telenovela, você sabia? Eu conheci os estúdios da TV Paraná. É uma pena, uma lástima, com os grandes e belíssimos atores que temos no Paraná. E em outras cidades! Fiz uma viagem a Recife e, quando cheguei lá, vi dois grupos de teatro fantásticos, com atores que poderiam estar empregados em qualquer novela. Cinco horas por dia para as produções locais: isso deveria ser exigido por lei. Não acabaria com as grandes redes, pois há espaço para todas. As redes de televisão americanas, italianas, estão aí para provar. Eu faço parte de uma comissão sindical, onde nós pedimos, nítida e encarecidamente, aos patrões que pensem nisso. Mas, por enquanto... A Constituinte, pelo que eu saiba, não tratou deste particular. Eu não sei quem é o culpado, mas é muito cômodo atribuir toda a culpa à TV Globo.

Nicolau — E as novelas, onde as personagens se tornaram tão queridas pelo público...



TONI RAMOS em cena é terno e queda, sério e preciso, mas fora dela fala pelos cotovelos e imita os colegas.

Toni Ramos — *Novela é o grande entretenimento popular de nossos dias. Durante anos houve um ranço preconceituoso contra ela e eu senti isso na pele. Parece que costuma haver este preconceito contra tudo que faz sucesso neste país. Hoje, nem tanto, porque seria estupidez negar a popularidade bem brasileira da novela. É uma coisa nossa, feita por nossa gente para a nossa gente e que traz sucesso. Tem defeitos que precisam ser corrigidos, mas não concordo com aqueles que acham ainda que novela é o opio do povo. Acho este pensamento elitista, mesquinho, pequeno e provinciano.*

Nicolau — As pessoas sempre te viram através de personagens mais dramáticas e bem comportadas. Agora isto cedeu lugar à uma forte veia humorística sua, pouco explorada anteriormente. Esta guinada aconteceu por acaso ou por uma necessidade de mudança?

Toni Ramos — *Tônico do Bebê a Bordo não é meu primeiro papel humorístico, mas você tem razão. Ele é mesmo especial. Tenho muito orgulho dele. Com ele posso me soltar, posso brincar de representar. Eu me divirto com as suas loucuras e, como sempre, entro de sola no meu papel. Como Tônico posso me despudorar frente às câmeras, em contraposição a tantos personagens heróicos e vencedores que eu sempre fiz.*

Jesus do céu! Estou adorando Bebê a Bordo! É uma novela genial, deste jovem autor, o Lombardi, onde se denuncia a busca do poder desenfreada, não importando como. Trata-se de uma sátira brasileira com um humor cômico e enlouquecido, um texto surpreendente e inteligente. Tem gente que não gosta dela, até porque Bebê a Bordo não perdona nada. Mexe com as más relações matrimoniais empurradas com a barriga; com o péssimo relacionamento entre pais e filhos; com o consumismo exagerado. Ela tem a leveza da irreverência. Não do desrespeito, da leviandade. Acho que está na hora de vermos a vida sob um ponto de vista mais leve, mais otimista.

Antônio Maria, Nino, Zé, Márcio Hayala, Tônico: personagens a dar com o pé.

Nicolau — Trabalhando loucamente para ir fundo, como você diz, "mesmo satiricamente, nas relações e nas verdades da classe média"?

Toni Ramos — *Tem sido uma loucura, como sempre. Tenho uma média de 80 falas por semana. Felizmente, no exercício desta prática de ator, aprendi a ter boa memória, mas que não é brincadeira, não é não. Quero, inclusive, registrar aqui que eu gostaria de ter mais tempo e calma para receber vocês. (A entrevista foi feita, com algumas interrupções, dentro da sala de elenco, cuja diretora, ta, nos cedeu um banquinho para nversar). Um papo desses, para um 'nal desta envergadura, como é o 'colau, merecia um espaço melhor. ar para minha gente paranaense muito importante pra mim. Não vai*



TONI RAMOS no papel bom-mocista de Jorge, em *O Primo Basílio*: "não misturem personagens comigo".

ai nenhuma frase de efeito. Sei que estou parecendo até um político populista à moda antiga, mas, sem brincadeira, não é nada disso. Eu sou um homem que gosta da sua terra. Acredito nesta coisa cósmica, de saber que naquele lugar estratégico, topográfico, naquela dimensão x ou y, latitude de tal, você nasceu. E dali explodiu para o mundo.

Nicolau — Há quanto tempo você não vai a Curitiba?

Toni Ramos — *Faz tempo, coisa de uns dois, três anos. Mas sei que, quando vou lá e vejo a organização da cidade, fico emocionado. Por mais que digam que é tudo certinho demais, limpinho demais, o que eu penso é: que ótimo viver num lugar assim! Que horror você ter que morar em cidades que não têm essa infra-estrutura, esse respeito com o cidadão, essa população que cuida da sua cidade e, em troca, é recompensada por isso. Sei que Curitiba deve ter seus problemas, que eu não conheço, pois não vivo nela. Mas o que me salta aos olhos quando vou lá é aquela gente trabalhadora, atenciosa e organizada. E o interior, então! Aqueles campos, aqueles trigais todos, a soja que hoje domina tudo. Os campos todos plantados, as pessoas que vibram com o seu estado. Repito mais uma vez meu ufanismo em relação ao fato de ser paranaense, por mais que não tenha vivenciado o Paraná.*

Nicolau — Você disse em uma entrevista a um jornal, que, de alguma forma, ao fazer *Grande Sertão: Veredas*, esta sua ligação com o sul se intensificou, devido à semelhança geográfica com o Planalto Central. Como foi isso?

Toni Ramos — *De fato, retomei muita coisa antiga, de raiz mesmo, de origem, ao me embrenhar no sertão. O sertão é sábio. Faz com que você coloque o pé no chão e diga: que terra bonita! que gente boa! que gente necessitada! E em sua essência, o sertão guarda mesmo muita seme-*

lhança com o Paraná, pelo menos na minha imaginação. Fazer Riobaldo, o Tatarana, foi algo que me marcou profundamente. Entre outras coisas, pude provar a mim mesmo que, como artista e como homem, agora estou pronto para o que der e vier. Sem falsa modéstia. Ele é uma personagem de um questionamento absoluto, numa permanente luta e confronto entre os antagonismos humanos. Embora não misture o papel com minha própria pessoa, não dá para ficar indiferente a isso.



Nicolau — Por que você faz sempre questão de não definir Riobaldo como um marco em sua carreira, como seu melhor papel?

Toni Ramos — *Simplesmente porque são inúmeras as personagens que me marcaram. O público de mais de 25 anos vai se lembrar de mim, por exemplo, fazendo o Antônio Maria, na TV Tupi. Vai se lembrar de Nino, o italiano, também na Tupi. De *Simplesmente Maria*, de Vitória Bonelli, a primeira novela espiritual, escrita por Ivani Ribeiro. E mais: A Viagem, Idolo de Pano, todas novelas marcantes.*

Tem o Zé, de Quando as máquinas param, uma peça de Plínio Marcos e um dos momentos mais lindos de minha carreira. Foi um dos primeiros projetos realizados neste país, com o teatro dentro dos sindicatos. Foi em 68-69, época dura, braba mesmo. Participei também em Os rapazes da banda, onde eu fazia um homossexual, uma personagem fascinante. Acho que as pessoas também se lembrarão de mim fazendo um travesti em Pequenos Assassinos, no Teatro Oficina de São Paulo.

Não tenho partido, não sou de direita e me identifico com o movimento socialista.

O problema é que a memória brasileira é pequenininha, só lembra do de ontem, o que é lamentável. Mas eu acho que com um pouquinho de esforço vão se lembrar de um filme que eu tenho muito orgulho de ter feito: Noites do Sertão, com Débora Bloch e Carlos Kroeber, premiadíssimo em Gramado. Isto sem falar nos sucessos da TV Globo, como o Márcio Hayala, de O Astro, onde eu conheci, pela primeira vez, o sentido de prestígio e sucesso absolutos. O telespectador vai se lembrar de mim em Pai Herói, em Baila Comigo, uma das novelas que mais adorei fazer. E como esquecer dos gêmeos Quinzinho e João Vitor, do surdo-mudo de Sol de Verão, o Abel! Gosto de lembrar também de uma novela adorável, (creio eu): Selva de Pedra, que foi um desafio frente a tantos "quiquiços" e que terminou num dos maiores íbipes da casa. O telespectador não vai se esquecer do Tônico, do Bebê a Bordo, nem do Jorge, de Primo Basílio, meus mais recentes trabalhos na televisão.

Nicolau — E o teatro, o que você tem feito ultimamente?

Toni Ramos — *Este ano, não pude fazer teatro. Mas no ano passado inteiro fiz Lucia McCartney, do Rubem Fonseca, um espetáculo difícil, como a própria obra de Rubem, que lamentei não levar para o resto do Brasil.*

Nicolau — O que você acha desta discussão em torno do compromisso social do ator, do teatro engajado?

Toni Ramos — *Em princípio, acho que o que fazemos é ficção, nada mais do que ficção. A realidade é outra. Mas temos a obrigação de estarmos atentos a tudo que nos cerca. Engraçado que eu só fui tomar consciência de que era um ator quando, aos 22 anos, subi nos palcos dos sindicatos com Plínio Marcos. Ai vi que ser ator era uma coisa mais séria do que eu havia imaginado. Mas não há como me levar a uma definição sobre partidos, nomes ou siglas. Desista. Só digo que não sou de direita e me identifico com o movimento socialista. Mas meu compromisso é o de qualquer cidadão brasileiro: o de escolher as pessoas que possam, de alguma forma, reformular instituições tão desmoralizadas como as nossas.*

Dalva Ventura é jornalista da Bloch Editores no Rio de Janeiro.

humana zoologia humana
 aranha lobo raposo barata cordeiro bezerra peixe galo carneiro pavão
 leão cobra leão coelho pinto passarinho leão sardinha leão
 José Lino Grünewald

José e maria

TF:Z

Eu era o que me restara
 — eis que teu beijo me brilha —,
 agora em mim se restaura
 o que de ser maravilha.

Você me pariu no escuro,
 sou teu radinho de pilha.

Reynaldo Jardim

Seis ou sete coisas que eu aprendi sozinho

1. Gravata de urubu não tem cor.
2. Água que pára em perna de mosca é salobra.
3. Luar em cima de casa exorta cachorro.
4. Formiga que estampa o sol no olho, enrubesce.
5. Fincando na sombra um prego ermo, ele nasce.
6. Besouro não ocupa asas quando entra em cio — só abre elas.
7. Poeta é um bicho que lambe palavras e se alucina delas.
8. No osso da fala dos loucos acontecem lírios.

Manoel de Barros

TF:Z

Reynaldo Jardim, de Brasília.
 José Lino Grünewald, do Rio de Janeiro.
 Manoel de Barros, de Campo Grande.

DUELO DE TÍTAS NO PAÍS DOS BANGUELAS



Uma co-produção da Warner Bros e dos Estúdios Nicolau Corporation

Direção: Ademir Assunção

GO BACK

poema de Torquato Neto musicado pelos Titãs

Você me chama
Eu quero ir pro cinema
Você reclama
Meu coração não contenta
Você me ama
Mas de repente a madrugada mudou
E certamente
Aquele trem já passou
E se passou
Passou daqui pra melhor,
foi!

Só quero saber do que pode dar certo
Não tenho tempo a perder



SINOPSE

1. Três flashes ligeiros: a) *Ninguém sabe como gente é feita/Se gente é feita ou não/Mão esquerda, mão direita/Bate palma então! Pá Pá pavimentação, pavimentação/Menta, mentalização!* ("Pavimentação"). b) *Que não é o que não pode ser que/Não é o que não pode/Ser que não é/O que não pode, ser que não é o que não pode ser/Que não é* ("O que"). c) *Bichos, Saíam dos lixos./Baratas./Me deixem ver suas patas./Ratos./Entrem nos sapatos/Do cidadão civilizado.* ("Bichos Escrotos"). No primeiro, a onomatopéia de palmas (*pá, pá, pá*), monta a palavra *pavimentação*, que se desdobra em *pavimenta, menta, mentalização*. No segundo, a forma circular do poema (originalmente composto visualmente em forma de círculo) permite várias leituras. No terceiro, uma sucessão de rimas sujas empocalha o banquete predador do homem civilizado. Recursos poéticos desse gênero, acoplados a um instrumental pesado, tribal, alçaram os Titãs a uma zona viva no cenário cultural brasileiro: eles conseguiram chamar a atenção tanto de jovens que detestam os disfarces do bomocismo, quanto de poetas de grandeza maior, como Haroldo de Campos.

2. Quatro discos depois, os Titãs assombram o Festival de Montreux, registram o *show* ao vivo e lançam o álbum *Go Back*. Em tempos de diluição e conformismo generalizado (olhe em volta, sinte o cheiro), colocam de volta nas paradas Torquato Neto, o mesmo Nosteratu perturbador que preferiu eletrotutar a linguagem cantada e escrita (no jornalismo, inclusive), cavar domesticadamente seu lugarzinho ao sol (numa praia poluída e absolutamente sem graça, diga-se).

3. *Duelo de Titãs no País dos Bangueles* é uma entrevista? () peça teatral? () filme classe c? () ópera seca? () — escolha a alternativa que mais lhe agrada — inspirada em *koans zen* e num diálogo entre Torquato Neto e Rogério Duarte, no verão de 68. Três dos Titãs não puderam aparecer: Arnaldo Antunes, Sérgio Britto e Toni Bello-to. Dois deles viajando e o outro adoentado.

4. Temos só uma mente (aquela que partilhámos). Mudar as coisas radicalmente, portanto, é simples. Basta mudar essa única mente — John Cage. Linguagem é um vírus — William Burroughs. É só:

ATO I LINGUAGEM E LOUCURA

Perplexos com uma pergunta absolutamente fora de propósito, os Titãs resolvem expor os pressupostos da tese de mestrado que pretendem apresentar na USP.

Nicolau: A linguagem muda o homem quando o homem muda a linguagem?

Nando Reis: O homem é a linguagem.

Charles Gavin: Eu considero dialético esse processo que você acabou de narrar. O homem muda a linguagem e a linguagem muda o homem.

Nicolau: E o excesso de informação está deixando todo mundo maluco?

Nando: Talvez o excesso de informação deixe as pessoas desinformadas.

Charles: Eu diria que o excesso de informação deixa confuso. E a falta de informação, obviamente, deixa ignorante.

Branco Mello: Estou ficando cego de tanto enxergar. Estou ficando surdo de tanto escutar. É. Já vi muita gente esclarecida e bastante limitada.

Ademir: E de que lado vocês estão: dos loucos ou dos psiquiatras?

Paulo Miklos: Sem dúvida do lado dos loucos. Basta olhar para o lado.

Branco: Eu não estou do lado dos loucos. Não, não. Eu não estou com nada.



Nicolau: Você está querendo dizer que psiquiatria é cultura?

Branco: De jeito nenhum.

Ademir: E loucura?

Branco: Também não. Loucura às vezes é uma merda e às vezes é genial.

Charles: Loucura pode ser cultura sim. Eu considero.

Branco: Depende do louco.

Charles: Posso até dar um exemplo disso: Jorge Mautner.

Paulo: Sobre o quê? Psiquiatria ou loucura?

Charles: Loucura.

Branco: O psiquiatra Jorge ou o louco Mautner?

Charles: O louco Mautner.

ATO II NÃO MORDA O MEU CALCANHAR

Nicolau: Rebelião é coisa do passado?

Marcelo Frommer: O estereótipo da rebelião não é nem do passado nem do presente. Ele não é. O termo rebelde



é tratado de uma maneira muito estereotipada. É muito raso. Um rebelde de araque.

Branco: Está ligado ao Rotary.

Marcelo: Rebelião não tem exatamente um tempo, passado, presente ou futuro. Acho importante as pessoas se rebelarem e desconfiarem das coisas. Agora, o estereótipo da rebelião nunca foi, nunca é e nunca será.

Ademir: E rebelião de linguagem?

Nando: Esteticamente sou contra a acomodação e a repetição.

Charles: Rebelião é uma coisa contestatória. É natural, cara!

Branco: Mas rebelião já tomou uma outra conotação. É uma coisa totalmente besta. Eu não quero ser um rebelde. Eu acho uma bosta ser rebelde.

Nando: Mas se você se desvincular dessa conotação cotidiana, você percebe que a idéia é pertinente.

Marcelo: É pertinente.

Branco: É pertinente.

Nando: Fora qualquer padrão, qualquer acomodação. Fora a moda. A moda está por fora.

Nicolau: Por que o rock faz tanto barulho?

Paulo: Porque a gente já nasce ouvindo barulho. A rua faz barulho, o coração faz barulho, o sistema nervoso faz barulho. Tudo faz barulho.

Nando: Acho que só fazendo barulho você consegue incomodar os surdos.

ATO III

BRASIL, MEU BRASIL BRASILEIRO!

Ademir: Vocês sabem quem foi Afonso Romano de Sant'Anna?

Marcelo: Quem é ou quem foi?

Ademir: Não tenho certeza.

Marcelo: Eu já ouvi falar. Sei sim. Já ouvi dizer.

Charles: Por que? Você sabe?

Ademir: Nunca ouvi falar.

Branco: Nem eu.

Nicolau: Um doente deve se curar?

Paulo: Depende do doente.

Charles: Depende da doença.

Branco: Depende da cura.

Nando: Eu não sei. A questão é a seguinte: você se sente incomodado como você é?

Branco: Eu não me incomodo.

Nicolau: O Brasil está saudável?

Branco: Claro que não. Que absurdo.

Charles: Nunca esteve. Desde o seu nascimento.

Nando: Você está falando de saúde política?

Charles: Saúde econômica?

Branco: Saúde pública?

Marcelo: O Brasil deve se curar urgentemente. Ele tem que fazer uma cirurgia plástica. Ele tem certamente que fazer uma homeopatia. Não sei por onde, mas o Brasil tem que se curar.

ATO IV FANTASMAS, POLÍTICOS, MONSTROS E JESUS

Nicolau: Vocês têm medo de fantasmas?

Marcelo: Eu não.

Ademir: E de políticos?

Marcelo: Eu tenho um puta medo de políticos. Não como eu tenho de ladrões, porque é uma relação de amizade. Eu tenho um puta medo do que eles estão fazendo. Fico indignado quando vejo aqueles caras no Congresso, aqueles moleques gordos e bigodudos, pulando feito macacos numa sala de aula. Tenho um puta medo.



Branco: Sabe o que dá medo nos políticos? A risada deles. Bbbrrr, que medo!

Charles: Dá um puta medo. Porque o que devia ser um cargo vira profissão.

Branco: Eu não tenho muito medo, pessoalmente falando, como cidadão.

Marcelo: Como não? Você nunca viu o Jânio Quadros?

Branco: Ah, tenho.

Ademir: É verdade que vocês vão ficar mais famosos que Jesus Cristo?

Branco: De jeito nenhum

Paulo: Só mais que Maria Madalena.

Branco: Pelo contrário. A gente promove Jesus.

Marcelo: Somos mais um dos patrocinadores de Jesus.

Nicolau: E por que Jesus não tem dentes no país dos banguelas?

Marcelo: Porque ninguém tem dentes no país dos banguelas.

Ademir: E o que vocês acham da atitude deselegante dos indígenas diante do bispo Sardinha?

Marcelo: Qual foi a atitude deles?

Nicolau: Eles comeram o bispo.

Marcelo: Comeram a (palavra proibida para difusão e execução pública) dele?

Ademir: Não. Comeram mesmo. Comeram tudo.

Marcelo: Ah, bom. Então tá limpo.

ATO V FERIDAS & DEDOS

Ademir: A imprensa está cumprindo bem com seu papel de agência publicitária?

Charles: De agência publicitária? Cumpre, mas cumpre com louvor.

Paulo: Nem sempre, viu.

Charles: Eu sou uma pessoa profundamente decepcionada com os jornais de São Paulo.

Branco: Ah, ah, ah. Só de São Paulo?

Charles: Eu sou profundamente decepcionado com os jornais. Com o que eles escrevem, com o que eles apresentam, com a qualidade do que eles escrevem. Eu não tenho respeito por nenhum deles.



Nando: Isso é normal. Todo mundo quer vender o seu peixe. Mas tem gente que vende gato por lebre. Aí é feio.

Branco: A maioria, na verdade.

Nando: Mas as pessoas vêm. Você não está morando sozinho numa ilha deserta. Você tem que fazer as coisas acontecerem. Agora, tem gente que é otário. Mentira. Inventar uma coisa e diz que é outra. Uma atitude mercantil. Eu acho feio.

Branco: O que atrapalha mais é que tem gente que prefere o gato à lebre.

Nicolau: Vocês acham possível fazer um jornalismo para pessoas vivas?

Paulo: Cara, a falta de tesão é tamanha que qualquer pessoa que tenha domínio de linguagem, que tenha tesão artístico, estético, ela vai se impor pela qualidade.

Charles: Isso não está necessariamente ligado ao jeito que se escreve ou à qualidade do que se escreve. É muito mais político do que a qualidade do que se produz.

Paulo: Mas eu ainda tenho essa utopia.

ATO VI MAIS DEDOS

Nicolau: O rock dos anos 80 é coisa de burguês decadente?

Marcelo: Eu acho que burguês decadente é coisa dos anos 80. Isso soa papo de Ronaldo Boscoli e Danilo Caymmi. Ficar nessa onda de papo retrógrado, o rock dos anos 80, anos no (palavra proibida para difusão e execução pública) deles.

Charles: O que eu acho disso que foi utilizado, como todo tipo de coisa é utilizado pela indústria, para suprir, pra dar dinheiro e pra arrecadar fundos da classe burguesa. Não só o rock, como a bossa nova. Houve uma época em que a bossa nova foi moda, né?

Marcelo: Todo mundo fala mal do rock. O rock está out.

Branco: É, a gente está out, agora.

Charles: Mas o que você quis dizer com essa pergunta?

Ademir: O seguinte: vocês acham que o mundo deveria tratar melhor os negros

Branco: Não só os negros. Os velhos, as crianças.

Paulo: Essa pergunta é racista demais. O mundo é dos negros. O mundo deveria tratar melhor todo mundo.

Nando: Tá todo mundo maltratado. Os negros, os brancos, os amarelos, os vermelhos.

Paulo: Os brancos estão maltratados pelos próprios brancos.

Branco: Os pretos também. Todo mundo está sendo castigado.

Nando: O mundo trata mal as pessoas. Isso é uma triste constatação. O jeito que as pessoas vivem atualmente, pra mim, é incompreensível. Eu sou crente que a sofisticação tecnológica deveria providenciar imediatamente uma vida mais tranqüila para todos.

Charles: O mundo pertence aos ricos e poderosos.

Branco: Os ricos são maltratados, às vezes, também.

Charles: É. por si próprios.

ATO VII A FECHADA METAFÍSICA DO MÊS

Ademir: Alguma pergunta tem resposta?

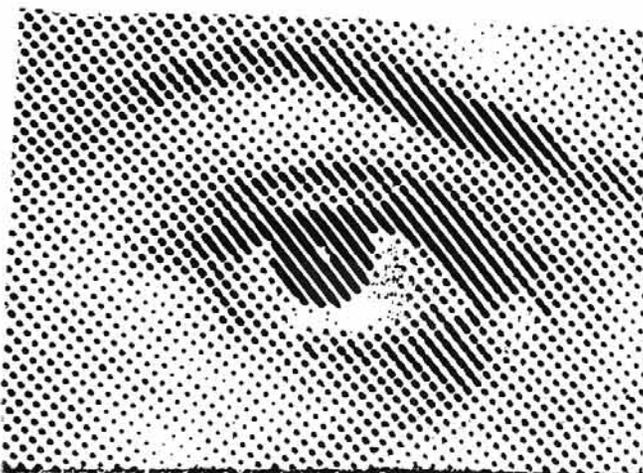
Marcelo: Todas, menos essa.



Décio Pignatari

A TV na era Plural

mass media em metamorfose. macluhan ao reverso. *not* aldeia global. massificação a desmassificação. diacronia a sincronia: reciclagem de idéias. de matérias. in(volução). *yin* e *yang* tecnológico. *japan* metrópolis. tv anarquia. democracia.



Os meios de massa — para não dizer, todos os sistemas de signos — passam por três períodos definidos em seu evoluir diacrônico, períodos esses, por sua vez, afetados por uma brevidade crescente, à medida que se difundem e que a tecnologia avança. São eles: 1) período pré-sistêmico, de natureza artesanal, ou quase-industrial, que marca a passagem da ciência à tecnologia (das ondas herzianas para as emissões radiofônicas, p. ex.), caracteriza-se, também, por uma certa diversidade, segundo as diversas fontes de invenção; 2) período sistêmico, ou industrial, quando se normalizam os investimentos e as técnicas, em função mercadológica; caracteriza-se também pela proliferação e expansão homogêneas: é o período da formação das redes e cadeias (sirva de exemplo o primeiro período hollywoodiano do cinema, com a organização dos estúdios e das salas de espetáculos; com a fixação da bitola de 35 mm, etc.); 3) período pós-sistêmico, ou pós-industrial, quando se recuperam — mas em nível de grande complexidade — alguns dos traços do primeiro período; caracteriza-se, também, pela descentralização, diversificação, hibridização, acessibilidade tecnológica e redução de custos (vejam-se os exemplos da "imprensa nânica", dos anos 60-70; as produtoras de cine e tvê independentes; as rádios e tevês "piratas", etc.). Este é o período que estamos atravessando e do qual me ocuparei com maior atenção, porque ele interessa particularmente aos países em desenvolvimento como o nosso.

Dessa periodização, é relativamente fácil extrair o princípio básico que comanda o processo de evolução dos meios de massa: *a uma primeira*

tendência que se consolida em concentração homogeneizante, segue-se, inevitavelmente, uma tendência pluralizante, de descentralização diversificante. Se a massificação caracteriza a primeira fase do processo, a desmassificação vinca a sua segunda fase, neste sentido, que o mercado, aparentemente homogêneo, estilha-se qualificadamente em minorias de massa. Se o primeiro momento é hierarquicamente hipotático, o segundo é "anarquicamente" paratático. Se o primeiro se rege pela subordinação totalizante, o segundo se orienta pela coordenação produtiva e distributiva. Poder-se-ia imaginar que os meios de massa não são apenas de massa, mas também populares e democráticos, se considerarmos a segunda parte do processo como parte final, ou "parte de chegada". Embora assim seja, na abrangência de um conjunto periódico, devemos ter em mente que o processo não é puramente linear ou diacrônico, mas também irradiante e sincrônico: ambas as tendências, a subordinativa e a coordenativa, estão sempre presentes; o que se passa é que, na constante metamorfose processual, ora se observa o predomínio de uma, ora de outra, sem prejuízo de saltos qualitativos.

São muitos os exemplos que podem ilustrar o processo descrito e suas marcas características. Na história da aviação, em menos de um século, os ultraleves ressuscitam a silhueta das libélulas dos pioneiros Santos Dumont, Wright, Blériot, ao mesmo tempo que os hegemônicos *Boeing* convivem com uma variegada multidão de minijatos e turbojatos. O caso da fotografia ilustra não apenas o fenômeno da aceleração do processo, como o da compactação e sintetização que lhe é para-

lelo. Desde a sua invenção, pelo francês Niepce (1829), ou pelo franco-brasileiro Hércules Florence (1832), foram necessários oitenta anos para que uma câmera chegasse às mãos de uma criança (no caso, o genial Lartigue, graças a um pai rico e avançado), e menos de duas décadas para que chegasse às mãos e olhos de milhares de crianças em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos. Paralelamente, prosseguiu o processo de compactação e síntese, com a *Polaroid* eliminando a divisão positivo/negativo e com o Japão, nos dias de hoje, tentando acabar com a cissiparidade câmera/película, graças a câmeras descartáveis pré-carregadas.

Mostra o caso Lartigue, as mudanças não ocorrem apenas em níveis tecnológico e quantitativo, mas também em níveis sócio-cultural, artístico e ideológico. O caso da profícuo simbiose imprensa/poesia, no Brasil, é particularmente notável. Com o advento da República Positivista, abriu-se o espaço para aqueles poetas que pregavam uma certa objetividade positivizante — os parnasianos, que se acastelaram principalmente na antiga capital da República, beneficiando-se das benesses que a proximidade do poder propicia, e tomando conta dos salões, da imprensa, dos empregos, das viagens, das salas de aulas e dos manuais de literatura. Por mais que o quisessem as suas plagiadas profissões de fé, o parnasianismo chegou ao poder sem revolução alguma, conservadora e obsoleto que era — e empurrando para a morte provinciana os poetas simbolistas, mais revolucionários e qualitativamente melhores, além de racionalmente mais diversificados. Ocorreu, porém que, desde os tempos do Segundo Reinado, disseminara-se a imprensa pelo interior do país, com grande capacidade ociosa (o analfabetismo devia ser de cerca de 80%). Junto com os jornais, saltavam os livros de poemas que revolucionaram a poesia brasileira, preparando o advento do modernismo. Se o romantismo foi a primeira poesia brasileira nacionalista, o simbolismo foi a primeira poesia brasileira internacionalista.

Pois estamos entrando na era da TV "simbolista" e plural. A Rede Globo é a herdeira e continuadora da mentalidade parnasiana, que só sabe conviver com o poder. Só por causa dela é que o Rio de Janeiro ainda é a capital federal, unindo o Triângulo das Bermudas, da Rua Chile, à Ilha da Fantasia, do sarmático Palácio do Planalto.

Há muito mais coisas semelhantes entre engenho e ingênuo do que os sons e as letras. Não à toa, *ingenuity*,

em inglês, quer dizer "engenhosidade". A abordagem ingênua de uma tecnologia desconhecida pode deflagrar leituras surpreendentes — e não apenas entre "primitivos" (mas, talvez, em Lartigue, criança, seja um "primitivo" requintado). Estranhamente, os cândidos nacionalistas não são muito engenhosos — deve ser por causa disso que se unem aos esquerdistas nacionalistas parnasianos... A tese antropológica de Oswald de Andrade se consolida em toda parte. Se visse o Japão de hoje, como eu vi, teria ficado maravilhado e estarecido... Maravilhado pela antropofagia sistemática, estarecido pela teo-tecnocracia de dez milhões que mandam em noventa milhões de formiguinhas crentes. Mas 30 milhões de famintos brasileiros não são uma boa alternativa... Não há como segurar. Pode a Globo tentar desmoralizar as tevês piratas com a sua "TV Pirata"; pode fingir que se abre para



produtoras independentes (desde que produzam o mesmo leitinho plim-plim); chegou a era plural, paratática, coordenativa, variada, descentralizada, para minorias de massa. As agências de publicidade vão ter muito trabalho... e menos lucros... Tal como aconteceu com as montadoras automobilísticas, a Globo, para conquistar o mercado, teve de disseminar tecnologia... Na absorção de *know-how*, o povo absorveu democracia.

Décio Pignatari é autor, entre outras obras, de *Contracomunicação* (São Paulo, Perspectiva), *Informação, linguagem, comunicação* (São Paulo, Perspectiva, 1968), *Comunicação poética* (São Paulo, Cortez & Moraes), *Semiotica da arte e da arquitetura* (São Paulo, Cultrix, 1981), *Signagem da televisão* (São Paulo, Brasiliense), *Poesia, pois é poesia, 1950-1975*, *Poetic, 1976-1986* (São Paulo, Brasiliense, 1986), *O que é comunicação poética* (São Paulo, Brasiliense, 1987).

PASSATEMPOS NOTURNOS

Esses ruídos que se escutam à noite nos velhos casarões são da madeira que estala? Talvez. Mas eu desconfio que são apenas dos esqueletos dos armários que, por desfastio, põem-se a estalar os dedos na solidão.

Mário Quintana 'Caderno H'

CONTOS

Depois de várias tentativas – algumas até bem sucedidas – desisti de escrever contos porque descobri que todos eles tinham uma única personagem: eu mesmo. Limitei-me portanto à poesia. Só em poesia é permitido a um autor ser o seu próprio assunto...

DIÁLOGO DE ESQUINA

- Desculpe, minha senhora... Está sentindo alguma coisa?
— Não! A minha cara é assim mesmo.

MATURIDADE

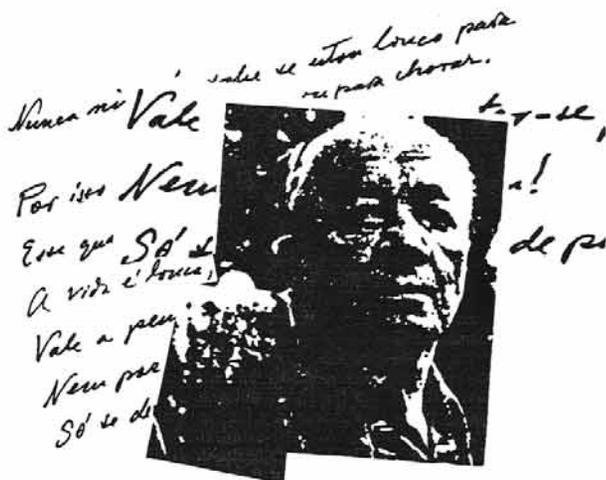
O primeiro sinal de maturidade é quando não mais se consegue escrever em papel pautado – como um trapezista que afinal dispensa a rede de segurança...

A MEMÓRIA E AS MEMÓRIAS

A memória escolhe, recria. Quanto ao poeta, que nunca se lembra, inventa... E fica mais perto da verdadeira realidade.



*... anos...
Dia de chuva*



O SIGNIFICADO

O significado prejudica a beleza gratuita das coisas. Todos os letreiros luminosos deviam ser escritos em chinês.

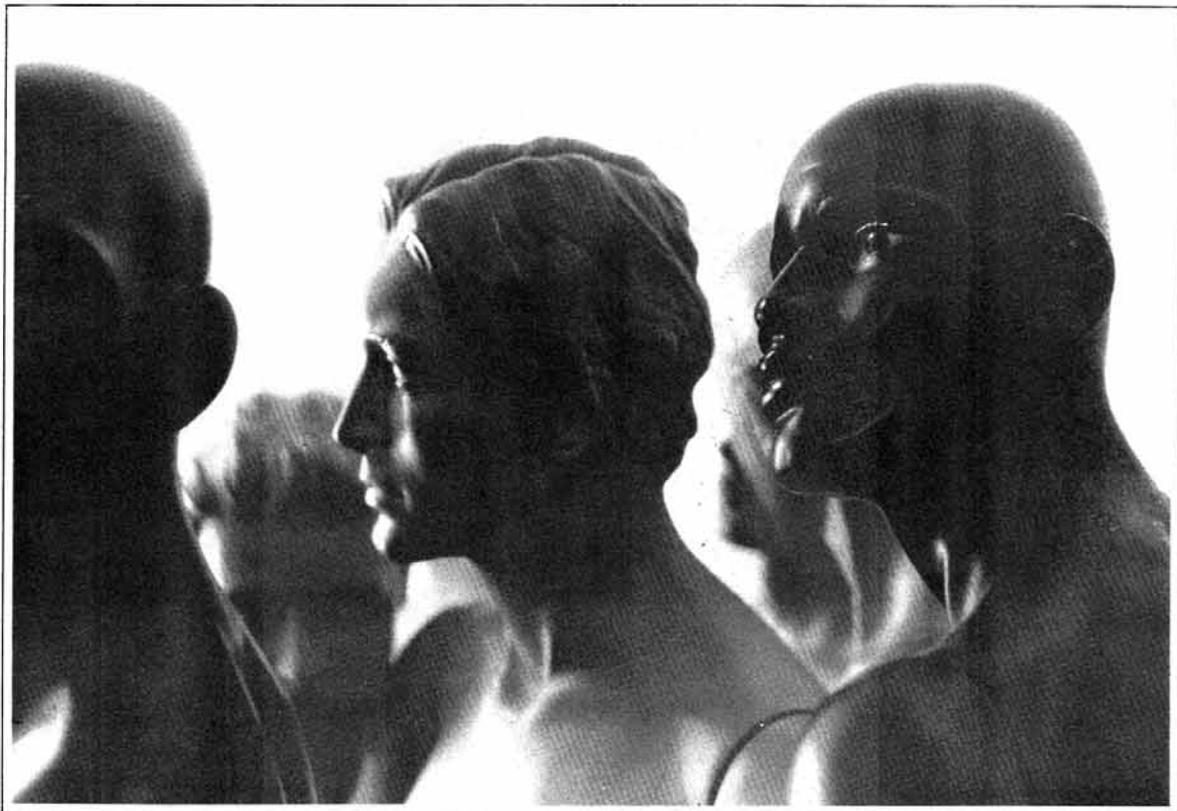
+++
A noite dorme um sono entrecortado, alfinetado de grilos.

ANTIGAMENTE E AGORA

Antigamente os ruídos interrompiam o silêncio. Agora, o do que a gente mais precisa é de silêncios que interrompam o ruído.

MAPA SECRETO

Nas manchas do pêlo das vacas o menino estuda a geografia das suas ilhas imaginárias.



MANEQUINS



Carlos
'Macacheira'
de Aguiar

A viagem do fotógrafo Carlos Roberto Zanella de Aguiar, o Macacheira, pelo mundo dos manequins, começou na primavera de 1984, ao fotografar uma cena diferente do cotidiano: a "mulher", no meio-fio, esperando o momento de entrar no bagageiro do automóvel.

Foi o pretexto para um papo com Tarcísio Trezub, 39 anos, um ex-consertador de brinquedos, que hoje vive de consertar manequins. Novas fotos, as últimas delas na nova oficina de Tarcísio — uma garagem — e breve passagem pelo "cemitério" de manequins desativados de um magazine.

Um mundo novo e imóvel. Uma multidão de manequins quebrados, pernas, braços, olhares fixos. De ponta-cabeça, como as pessoas da cidade. Algumas fotos compõem o visual de "Urbe Urge", o poema de Reinoldo Atem, cuja temática é a angústia urbana.

Talvez você até reconheça traços marcantes nesses rostos estáticos. "Alguém" que tenha vestido o terno que você comprou depois. Como aquele rapaz, dos tempos do clube um e gravata, início dos anos 70, que sempre o fitava da vitrine das Lojas Universal. E que agora jaz, abandonado numa caixa de papelão. O mesmo funinho inconfundível no queixo, ele que parecia imutável e imperturbável enquanto embranqueciam os cabelos dos clientes da loja.

Pode ser aquele outro, da Alfaiataria Jockey, uma das mais antigas de Curitiba, que um dia levou um soco, dado por um bêbado, só porque seu terno não estava pronto. Mesmo com o buraco no peito, continuou a sorrir para os passantes da travessa Jesuino Marcondes. Sem nenhum sinal de dor ou cólera.

Quem sabe, aquele garoto que vendeu muitos *shirts*, meias e chuteiras, de pernas tortas como Garrincha? Quem usaria desentorta-las? Ou aquela morena gostosa do *shopping*, acariciada no traseiro e demorada de maneira demolidora?

São esses acidentes que fizeram nascer, há cinco anos, a arte de Tarcísio Trezub. Ele resolveu problemas, como o alto custo das peças de reposição dos manequins, ao inventar formas de gesso que reconstituem dedos de massa plástica, com arame por dentro. Um braço novo, por exemplo, adquirido numa das duas únicas fábricas existentes no país, em São Paulo, custa a metade do valor de um manequim inteiro.

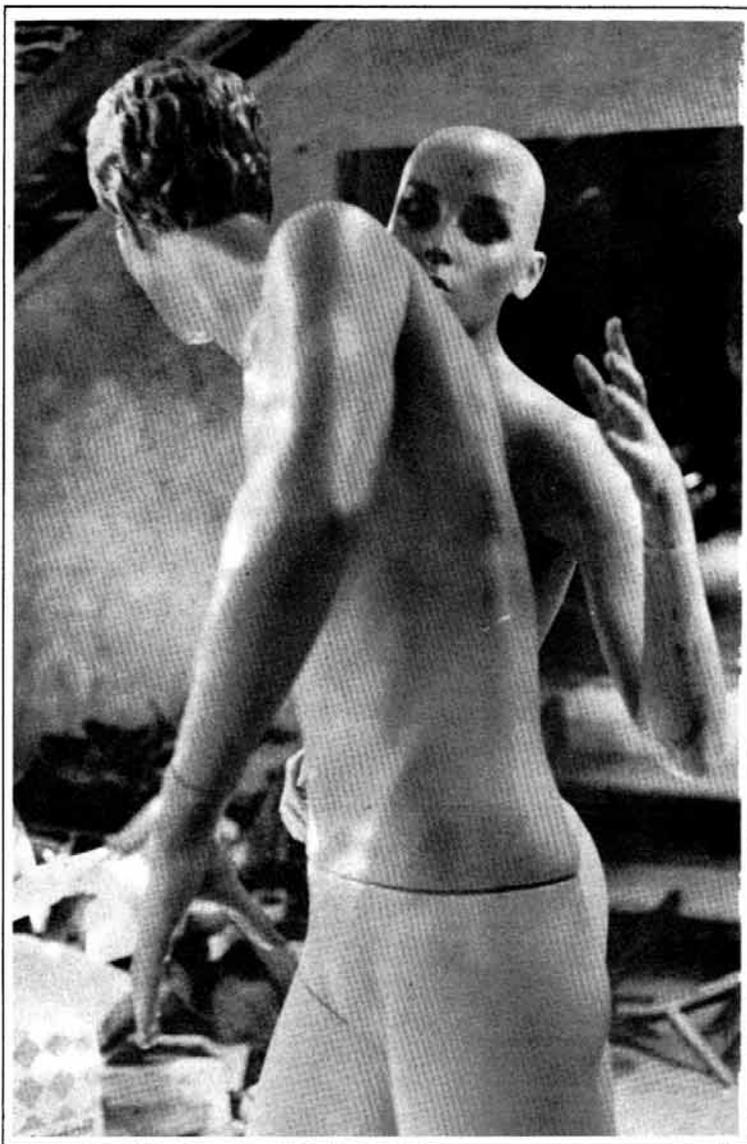
Os manequins só vão para o conserto quando viram "bagaço", como as pessoas que esperam o pior para ir ao médico. Antes do verão, os manequins tiram a roupa e os defeitos ficam visíveis. Em geral, são feitos com resina de poliéster, derivado do petróleo, de fácil combustão. Os antigos eram de gesso, tendo como recheio um certo tipo de estopa, e hoje são mais difíceis de consertar.

A maioria deles possui apenas uma perna fixa, o que permite variações de posições mais criativas.

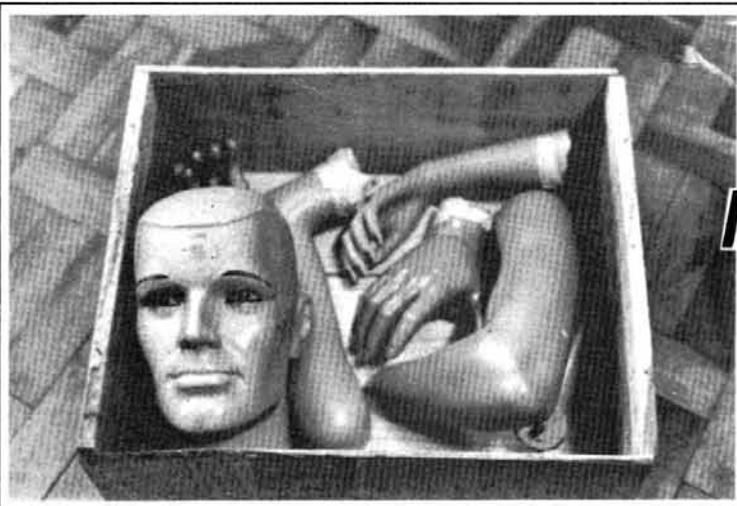
É na vitrine o lugar do manequim. Se o cara quer vender seu produto, o vitrinista pode inventar mil coisas — aconselha Tarcísio Trezub aos donos dos *shoppings* da vida.

O filme de Michael Gottlieb está aí para provar. Em alguma vitrine surrealista você poderá encontrar aquela morena altamente inflamável, a paixão de sua vida.

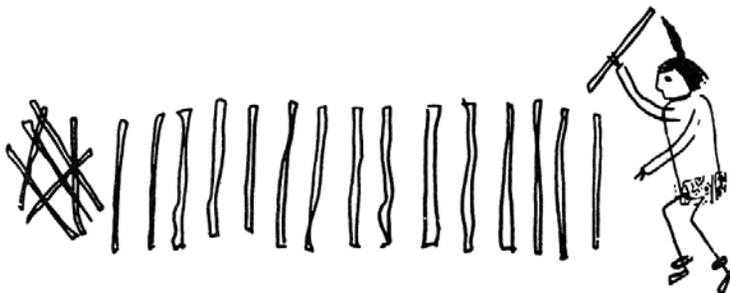
Ou você não tem mais emoções? Ou também se transformou num manequim estático, com o mesmo olhar perdido, absorto por sua própria metamorfose?



Carlos
'Macacheira'
de Aguiar



MANEQUINS



o AMOR entre os NIVACLE

Miguel
Chase-Sardi

Entre os nivacle, o momento-limite do ritual de aproximação amorosa é feito de gestos em que prazer e sofrer miram-se muito de perto. Sobre esse rito — inserido em todo um conjunto de normas morais — discorre aqui o pesquisador paraguaio Miguel Chase-Sardi, que há incontáveis luas vem trabalhando as 'culturas condenadas' latino-americanas. Para ilustrar seu ensaio apresentamos, às páginas 18 e 19, a tradução de O mito Nasuc, peça rara do rico acervo da literatura oral desta etnia do Chaco paraguaio.

Cláudio Lévi-Strauss, estudando o que chama de "estruturas elementares do parentesco",¹ coloca a "interdição do incesto" como o gérmen inicial da cultura. O incesto seria o ponto de ligação entre natureza e cultura, e também, a via e a forma como a natureza se torna cultura. Muito antes, Malinowski² nos explicava que este tabu nas relações sexuais é absolutamente necessário para manter a unidade celular da sociedade humana. O sexo desperta paixões tão fulminantes que é preciso desterrá-lo do espaço familiar.

No sistema de parentesco *nivacle* do Chaco existe total bilateralidade e simetria, tanto nos termos do parentesco consanguíneo quanto na conduta que expressa as relações familiares, e também uma rígida diferenciação generativa. Assim, com apenas quatro termos — dois para o sexo feminino e dois para o masculino, os dois primeiros correspondendo ao que designa a irmã mais velha, *chitaa*, e à menor, *sunja*, e os dois segundos ao irmão mais velho, *chicla*, e ao menor, *onaj* — nomeia-se não só todos os irmãos, mas também os que, em nossa terminologia ocidental, chamamos de primos.³ Conseqüentemente, considera-se tabu de incesto, *vapeclva ne*, toda a relação sexual entre eles até o quinto grau, e entre os que estão nas três gerações precedentes e nas três descendentes.

Esta vigência tão ampla da proibição na extensa família *nivacle* fazia com que as alianças matrimoniais e a reciprocidade generalizada, o costume do presente, do regalo, se estabelecessem entre diferentes parcialidades e aldeias muito afastadas geograficamente, o que garantia a inexistência dos graus interditos para o casamento. Assim, as festas e cerimônias de iniciação, principalmente as das meninas, atraíam pessoas de remotos extremos do espaço territorial da tribo. Essas pessoas, se não tinham a sorte de encontrar cônjuge, pelo menos recebiam um belo presente, que compensava todos os sacrifícios e perigos sofridos e enfrentados nas longas e penosas caminhadas pelos desertos chaquenhos.

Nestas festas, como na cotidiana dança vespertina começada pelos homens, pequenos grupos de mulheres, entre as cabanas, observam atentas. De repente, imprevisivelmente, algumas saem correndo e, pegando a faixa que rodeia a cintura do homem eleito, dançam rítmica e compassadamente. Ele de costas e ela atrás. Em outra dança, braços entrecruzados, lado a lado, os dois olhando para o centro da roda. A mulher, às vezes, olha para ele furtivamente. O homem só pode observá-la de soslaio com muito dissimulo. Olhar diretamente ou falar com a companheira de dança é inconcebível. Isso faria um jovem que se preze perder todo o prestígio social. Desacreditado diante das mulheres, seria descartado como possível candidato matrimonial por ser considerado indecente e desavergonhado. Um homem que não poderia oferecer as garantias de uma conduta irrepreensível. Para o *nivacle* são necessárias uma longa amizade e intimidade que quebrem sua inibição diante da mulher. Esta amizade começa por exclusiva iniciativa dela quando, durante a dança, rouba dele um objeto.



Um colar de conchas ou miçangas, adorno de plumas, lenço ou algum cartucho de escopeta, que nos últimos tempos está na moda: os homens usam-no enfiado num cinturão grosso. Qualquer um destes objetos será arrancado, repentinamente, pela mulher, que continua dançando com ele. Mas se o fogo de sua paixão lhe impulsiona a uma relação mais rápida, sairá correndo com o objeto roubado.

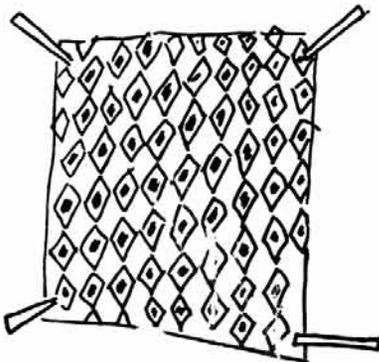
O homem, então, se sentirá obrigado a segui-la lentamente. Se sua timidez o impede, já virão duas irmãs da agressiva mulher que declarou seu amor, para pegá-lo pelos braços e, literalmente, arrastá-lo até sua presença. Então acontece um diálogo que soa estranho aos ouvidos ocidentais:

- Você pegou meu diadema de plumas.
- Sim, ele está comigo.
- Por que não me devolve?
- Se quer tê-lo de volta, venha buscá-lo em minha cabana, em meu leito.
- Mas onde fica sua cabana?
- Ora, você a conhece muito bem. Ontem passou do lado dela.
- Não me lembro. Pode ser.
- Fica do lado da alfarrobeira negra, depois da cabana de seu companheiro, aquele com quem você foi pescar ontem.
- Mas o que você quer de mim?
- Agora, só pelo meu atrevimento em fazer com que o tirasse da dança, está se inchando de orgulho!
- Não! Por que eu teria que me engrandecer com isso? Pelo contrário, eu não sou nada comparado com você. Perto de você não valho nada.
- Então você é capaz de vir esta noite até minha cabana?
- Talvez possa ir, para pegar meu diadema.

A mulher fala direta e francamente. O homem responde com timidez e subterfúgios. Depois do diálogo, ele continua dançando com seus companheiros, e ela, com suas irmãs, vai preparar seu leito, guardando cuidadosamente o objeto roubado longe da vista dos mais velhos, para evitar reprimendas. No final da dança, já passada da meia-noite, os solteiros, em grupos, vão para as cabanas, para *la arrastrada*, *t'afcos*.⁴ Qualquer solteiro

tem direito, coberto pelas sombras noturnas e envolto numa manta, de se aproximar do leito da mulher que deseja, para pedir a consabida licença e ficar deitado ao lado dela. O convidado jamais tomará a dianteira. Ficará vigiando, de um esconderijo bem dissimulado, para ver se alguém se aproxima dela. Rejeitado o importuno visitante, terá a prova de que ela não o enganava. Aí tomará coragem para

“arrastar-se”. Sentiria uma imensa vergonha se encontrasse outro deitado ao lado da mulher. É uma das peças mais cruéis que o sexo feminino prega para vingar alguma afronta. Com esta prova, o convidado pode se aproximar sem medo. Fica suspenso pelas quatro extremidades sobre a mulher, sem o mínimo contato. Ela o descobre e, reconhecendo-o, deixa que se deite ao seu lado. Há um bom espaço de separação entre os dois corpos. Metida num saco de fibras de caraguatá tecidas, os parentes muito próximos, não há



possibilidade de violência. Além disso, ninguém correria o risco de ser atado, no dia seguinte, de cão. Só os cães montam na fêmea sem que exista uma longa relação de amizade, profundo conhecimento mútuo e segurança de um sentimento firme. O ser humano é muito parecido em muita coisa com os animais, mas no campo sexual, de acordo com o pensamento *nivacle*, é bem diferente. A única e exclusiva exceção: o paraguaio. Ficamos surpresos com esta afirmação taxativa, que, quase em coro, as mulheres nos repetiam. Pedimos provas. Elas nos deram. Tinham-nas desde a época da guerra do Chaco. O paraguaio não precisa de conhecimento, amizade nem sentimento para fazer sexo, apenas do curto caminho da violência ou do pagamento. Por isso dizem *palavai nuu*, paraguaio cão. Como paraguaio, fiquei muito envergonhado, e, para me desculpar, tentei diluir o mal explicando-lhes que este era um defeito muito generalizado em toda a cultura ocidental; que não era coisa só dos paraguaios, e que nem todos cairiam nele. Mas meus esforços foram vão. Responderam que era compreensível que tentasse dissimular os males de meus compatriotas.

O casal fica em religioso silêncio. Deitados de costas, os olhos abertos, contemplam o céu extasiados. Nem um piscar de olhos, nenhum movimento. Os músculos tensos, a respiração contida. Assim ficam uma, duas horas, até que, calma, leve e lentamente, a mulher começa uma conversa que se desenrola cheia de rodeios, metáforas e metonímias, na qual ela agride e ele se

defende. O sono não os surpreende pois a conversa prossegue noite adentro. Fumando e falando, chega a madrugada. Ele não fez o menor gesto para tocá-la. É o noivado, que eles chamam pela palavra *yajju'enjafache*. Traduzida literalmente, ela significa 'meu dormir juntos', embora, evidentemente, eles não durmam. Antes que cheguem as primeiras luzes da alvorada, ela lhe pedirá docemente que se retire, sigiloso, para que no dia seguinte não seja alvo dos falatórios e chacotas de seus companheiros de



idade. Passam semanas e meses nesse reprimido e casto 'meu dormir juntos', até que, a pedido da mulher, ele vai aproximando, pouco a pouco, seu corpo, e ela lhe coça a pele. Carícia que abrange de luxuriante desejo o homem *nivacle*.

— O que está pensando? — ela lhe dirá numa dessas noites. — Quer que a gente durma sempre juntos, é?

— Não sou nada nem ninguém para resolver isto. Só você pode decidir. Você é muito bonita. Sua família tem muitos cavalos, cabras e ovelhas. Seus parentes são homens fortes, corajosos e capazes. Será que eu tenho algum valor para você?

— Minha mãe — afirma ela — me diz que já está na hora, não podemos mais prolongar isto.

— Concordo com você e com sua mãe. Mas antes deixe-me falar com minha mãe.

Na noite seguinte desta conversa, já com a aquiescência materna, unem-se num abraço apaixonado, enquanto ela lhe crava suas longas e afiadas unhas e, arranhando-o, deixa profundas e sangrantes feridas em seus braços, no peito e no rosto. A sádica mulher guardará a manta consigo, e não permitirá que ele se levante antes de bem entrado o dia. A cara descoberta e ostentando, com orgulho masoquista, sua pele dilacerada, o homem vai em busca de seus parentes homens. Sinal que haverá casório.

Há então uma grande partida de caça, pesca e colheita (dependendo do que a estação favorecer), na qual todos os homens da família do noivo colaboram febrilmente para que ele apareça, diante dos olhos dos familiares da noiva, como um ser dotado de qualidades excepcionais de produção.

Com o sol já entrado no ocaso, o noivo surgirá carregando um enorme tapir, ou levando dois avestruzes nos ombros, quando não com vários sacos do melhor mel ou uma longa enfiada de peixes ensartados a uma corda que dá várias voltas, em diagonal, ao redor do torso. Neste último caso, sua honra máxima será mostrar um ou dois mordiscos de piranhas nas pernas. Seus tios maternos acomodarão os produtos e os levarão à cabana da noiva, colocando-os sobre um couro aos pés da futura sogra, sob o olhar vigilante de toda a família, que mede o potencial produtivo que se incorporará ao grupo.

O noivo não se atreverá a chegar antes que anoiteça. Depois dos curtos cumprimentos de praxe, a noiva lhe passa um couro, sobre o qual sentam, os dois olhando para o mesmo lado ou então de costas. Não mostram nenhum sinal de carinho nem de interesse mútuo. O amor não deve se mostrar, deve ser secreto, oculto. Dar as desavergonhadas demonstrações públicas de carinho a que os brancos estão acostumados é mostra de luxuriante fome de sexo, é se assemelhar aos animais, declarar-se cão. Quando cada um dos parentes da noiva já disse algumas palavras de boas-vindas ou elogio para o noivo, ela se levanta e traz um prato preparado por suas próprias mãos. Ele não prova nem um pedacinho. Pede licença e vai convidar seus parentes e amigos que estão conversando em roda. Noite bem alta, todos começam a se preparar para dormir ao redor da cabana. Os noivos se afastarão um pouco. Outra vez quietude, silêncio e tensão. Mais tarde, uma conversa leve e o jogo sadomasoquista das unhas que desenham novas raíais vermelhas na cara, nos braços e no torso do homem. Antes da madrugada chegar, a mulher lhe permite entrar em seu saco de dormir e, só aí, muito suave e calmamente, chegam à plenitude do amor.

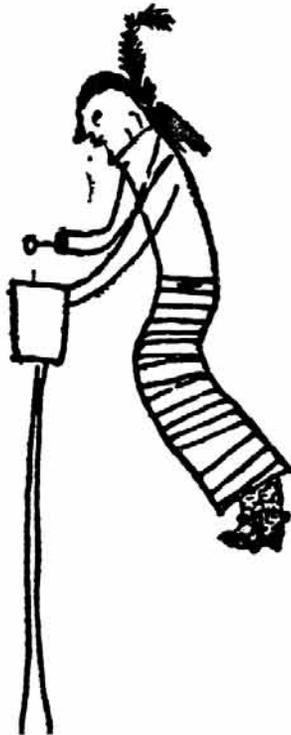
* Como um bicho, cobra, jacaré, o *nivacle* se aproxima da amada, furtivo, se arrastando para não ser visto. (N. da T.)

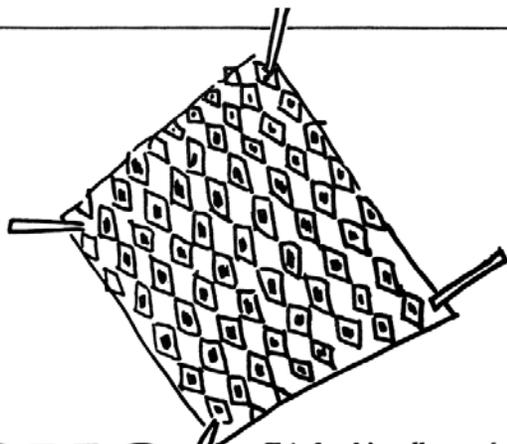
BIBLIOGRAFIA

- LEVI-STRAUSS, C. *Las estructuras elementales del parentesco*. Buenos Aires, Paidós, 1969. (Ed. original, 1947)
- MALINOWSKI, B. *Sexo y represión en la sociedad primitiva*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974. (Ed. original, 1927)
- SEELWISCHÉ, J. *Nivacle Ichelish — Sómto Ichelish. Diccionario Nivacle-castellano*. Mecl. Estigarribia — Chaco, Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica. Biblioteca Paraguaya de Antropología. Vol. I, 1980.
- WICKE, CH. e CHASE-SARDI, M. Análisis conceptual de la terminología de parentesco Chulupi (Ashluslay). Asunción, Suplemento Antropológico. Vol. IV, n. 2, 1969.

Tradução de Josely Vianna Baptista

Miguel Chase-Sardi, coordenador do Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC) de Asunción, autor de vários trabalhos sobre as culturas indígenas do Paraguai, publicados em periódicos nacionais e estrangeiros, é o compilador, organizador e tradutor do importante *Pequeño Diccionario Nivacle*, feito de amostras da literatura oral desta etnia do Chaco paraguayo (Asunción, Ediciones Napa, 1981)





O mito Nasuc.

Um sentido mais puro às palavras da tribo homem.

Para uma fala, uma voz que soa em estado de transe, mágica palavra como é mágico um *treno* — canto para fazer um morto voltar à vida —, não pode haver tradução meramente interlingual. Nesse transe a língua é um ritual em que a narração, extática, transcende o rés do sentido referencial. A própria transcrição de um mito para a linguagem escrita já desfigura o rito: são apagados sinais vitais como a entonação, o mimetismo, a cor do céu que recorta o narrador, a velocidade do vento que roça quem o ouve, os acentos melódicos, o fundo de *peligritos* da floresta.

Assim é com a literatura oral de uma das etnias do Chaco paraguaio em cuja língua o próprio nome é *homem: nivacle*: um povo chamado *homem*.

Um exemplo da palavra mágica falada por esses homens é “O mito Nasuc”. Nele, uma mulher afunda as unhas na árvore da qual se enamora, deixando profundos sulcos rubros em seu tronco, como ocorre no ritual de aproximação amorosa descrito pelo professor e pesquisador paraguaio Miguel Chase-Sardi às páginas 16 e 17 deste número de *Nicolau*. Tal correlação definiu a escolha deste relato, passado oralmente pelo informante Camamshi, para dar uma mínima mostra da prolífica e rica literatura *nivacle*, signos-mitos, indícios vivos partidos dos inícios pré-colombianos.

A versão em língua brasileira deu-se através da tradução *nivacle*-castelhano feita por Chase-Sardi, que vem estudando há mais de 20 anos a religião desses índios, coletando e gravando relatos, transcritos depois com a palavra castelhana correspondente à *nivacle*, traduzidos literal e então literariamente. Uma parte desses textos foi editada no *Pequeno Decameron Nivacle* (Asunción del Paraguay, Ediciones Napa, 1981).



Trabalhos assim nunca serão fulminantes como um raio que risca o escuro, uma paixão ou o fatal lamentar de um *treno*. Estas traduções são no máximo treinos, que tentam entender e estender a vida de uma cultura milenar nascida quando, talvez, as palavras e as coisas, o homem e o nome, eram correspondentes.

Chinfacch'e lhapesch lhpa lhutsja ti yitch'e' pa nõ-yish ti vooi pa yinõdt. Pa yalhalhatajesh ti yi'van lhpa is aacjtyuc Nasuc. Ni nvaat-fajulhesh ti yichei pa vatse-vatch'esham, pa yamjam lhcachii pa lhcas'vunchayash ti'ima, pa yi'van'op'in ti yechepjaih lhpa ujqu'e' lhtatsuc yitsõ't'aj, waj ni nt'unjulh pan ujesn ti yen. Pa jaalh pa yit-semajsham pava lhpõnõquei pa i'õj lhpa Nasuc, pa nisjacleh aõp caju'eshch'ejum pa yamjamsha'ne; vacha'ei pava lhpõnõquei juquei pava lha'voiyei jõ. Pava naihus meelh ti naashjop'in lhpa Nasuc lhpan yishi'pa nõyish yichei pa yinõdt, pa vatsavatjop ti yovalhsha'neen, jaalh pa nis-jaclesh; meelh ti yi'van ti nitonsha'ne pava lha'voiyei, pa l'hechesh ti yit'esh:

■ Primeiro fragmento do mito *Nasuc* em *nivacle*, língua da família *mataco*, pertencente ao macrofio *jé-pano-karib*.

Contam que uma moça, indo por uma vereda atrás de água, de repente encontrou uma bela árvore. Era *Nasuc*, o guaiaco. Irresistivelmente atraída, se aproximou e parou a seu lado. Incêndio em seu interior: era o amor. Com paixão, abraçou seu tronco grosso e reto e sem poder se conter pelo desejo intenso afundou suas unhas na cortiça, onde fez sulcos profundos. Sangue puro manou da ferida. Todos os dias, ao passar junto à *Nasuc*, rumo ao manancial, ficava a contemplá-lo, machucava-o com as unhas. Enquanto o sangue fluía, dizia:



— Como eu queria que fosse homem, *Nasuc*, para poder casar com você!
Uma noite, chegou-se a seu leito um homem, belo, formoso, com todos os seus adornos. E sem nem pedir licença, deitou-se então ao seu lado.
— Vim me casar com você.
Surpresa: — Eu não quero casar com ninguém — respondeu.
— Não pode ser. Você sempre me desejou.
— Por acaso o já tinha visto você antes? Não desejei ninguém nunca. Nem me lembro de ter falado com algum homem.

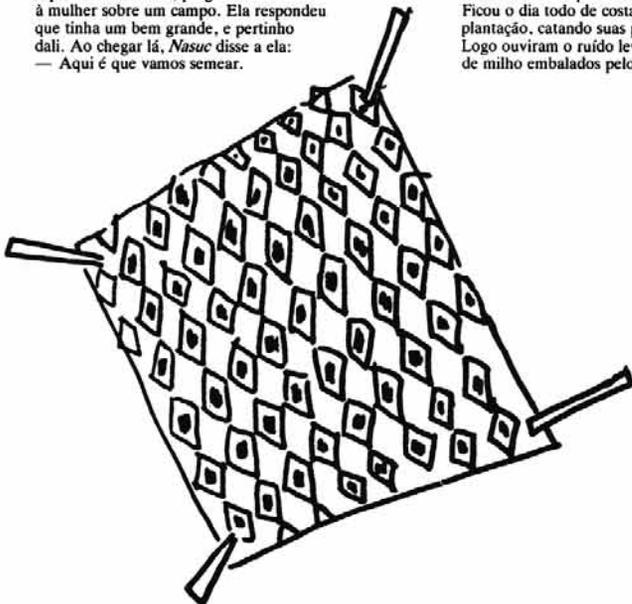
— Vai ter que saber — disse o homem — que sou *Nasuc*, que você sempre arranhava quando ia buscar água. E vivia dizendo: Como eu queria que esta árvore fosse um homem para casar com ele!
Ela ainda mais surpresa. Mas não podia replicar, *Nasuc* dizia a verdade. Repetia suas próprias palavras. Por isso não teve saída, aceitou a proposta e casou com *Nasuc*.
O primeiro dia de casamento foi muito duro para *Nasuc*: viu que sua mulher e a avó não tinham o que comer, nada.

— Diga, mulher minha: Será que sua avó tem sementes para plantar?
— Tem sim.
Mas era pleno inverno, e no inverno não se semeia.
Então perguntou ao marido:
— O que quer com a semente?
— Semear amanhã mesmo, vocês não tem o que comer.
Aí mandou a mulher ir pedir à avó algumas sementes de cada espécie de plantas.

— O que é isso? Que marido é o seu? Semear agora é estupidez. Não quero sumir com minhas sementes, só tenho poucas!
A velha não acreditou na neta. O tempo era de inverno, semeando no inverno nunca que iria brotar. Voltou para o marido, contou o que a avó tinha dito. *Nasuc* ficou ofendido no mais fundo, mas só perguntou:
— Por acaso você sabe, mulher, onde existe uma velha aldeia abandonada?
— Sei onde existe uma velha aldeia abandonada, sim.
— Que bom! Vamos lá amanhã cedinho.

Dia seguinte, madrugada ainda, foram até a aldeia abandonada. Chegando, *Nasuc* começou a fuçar escarvando o monturo. E achou uma semente, pelo menos, de cada uma das espécies de plantas que se semeiam. Depois de encontrar todas as sementes das espécies necessárias, perguntou à mulher sobre um campo. Ela respondeu que tinha um bem grande, e pertinho dali. Ao chegar lá, *Nasuc* disse a ela:
— Aqui é que vamos semear.

Quando tudo estava semeado, falou de novo à mulher:
— Sente-se de costas para o campo. Cate minhas pulgas. Mas não tente olhar para trás. Se fizer isso, as sementes que plantamos não vão brotar.
A mulher fez o que o homem pediu. Ficou o dia todo de costas para a plantação, catando suas pulgas. Logo ouviram o ruído leve dos pés de milho embalados pelo vento.



Sentaram então sob a sombra de uma árvore frondosa. Assim sentados, *Nasuc* chamou *Yiyecle*, o Tapir. Ele chegou na mesma hora. Ordenou-lhe que arrancasse todos os troncos do campo. Depois chamou *Jooe Pau-Santo*, e lhe ordenou que tirasse todo o pasto. Aí chamou *Jójóctstini*, o Torvelinho. Era enorme. Mandou que limpasse todo o lixo que existia ali. Pasto, troncos arrancados, e todo o resto. O campo ficou limpinho. *Nasuc* começou a chamar *Ofo*, a Pomba, dizendo:

— Se você agüentar, se não olhar para trás, nesta mesma tarde poderemos comer o milho verde. E foi assim, bem como *Nasuc* disse à mulher. Pôr-do-sol, já assavam as espigas. A avó ficou muito envergonhada. No outro dia convidaram-na para a colheita. Mas *Nasuc* ainda estava com muita raiva porque a avó não quisera lhe dar suas sementes. Pediu-lhe que arrancasse uma melancia. Sobre ela pendia uma grande cabaça. Quando a velha foi colhê-la, *Nasuc* fez a cabaça cair em cima dela, esmagou-a e a transformou num sapo.

— Semeie este milho que tem a mesma cor de seu pescoço. Depois chamou *Oyactsiní*, a Aranha, e disse:
— Semeie este milho que tem a mesma forma que seu corpo. E seguiu chamando pássaros, animais monteses, insetos, para confiar a cada um deles a semeadura das sementes de melancia, abóbora, melão, cabaça e todas as outras plantas que dão frutos para comer.



Texto e tradução
Josely Vianna Baptista



Mariners versus Voluntários da Pátria.

Na guerra entre o quadrinho tupiniquim e o importado, o Cortiano, que conheci em 1976 como arquiteto da Casa de Tolerância, foi uma das primeiras baixas.

Depois ele ensaiou umas excelentes *Esferozoas*, que nunca tiveram as honras do nanquim, muito menos as das tintas de impressão.

Mas a fase do Cortiano que eu curti mesmo é essa que vocês vêem aqui, nestas tiras com personagens fixos, feitas para *O Estado do Paraná*.

Da produção atual há o Xixo Mate, que é algo assim como a síndrome da hermenêutica algébrico-matemática. Isso, aliás, faz parte do esquema: na impossibilidade de derrotar os Mariners, o sr. Edson José Cortiano aderiu a eles. Foi ser professor de inglês.

Key Imaguire Jr.

CORTIANO



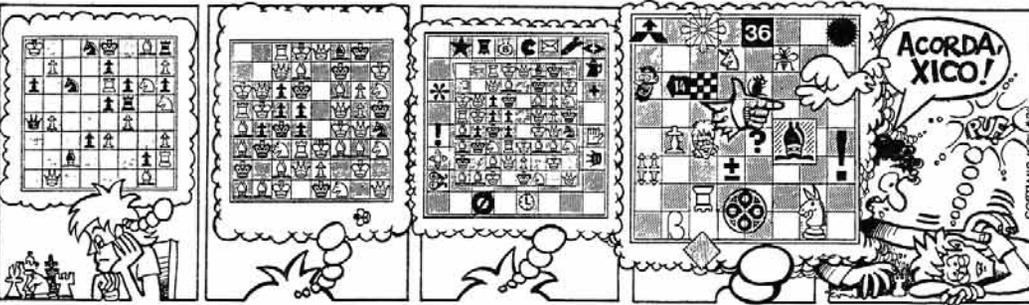
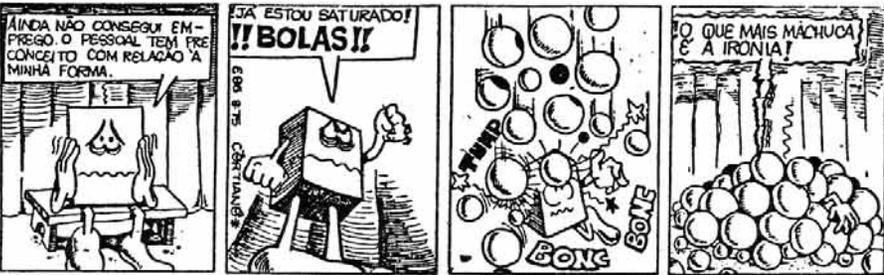
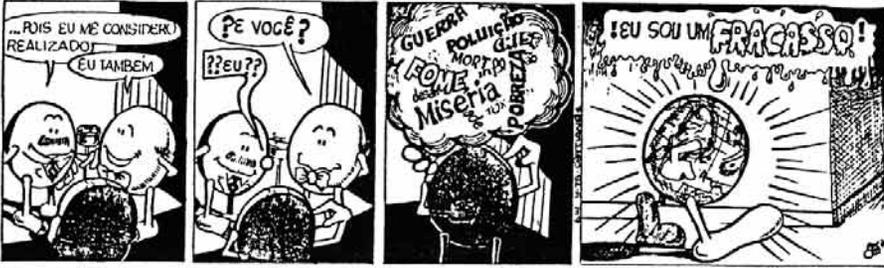
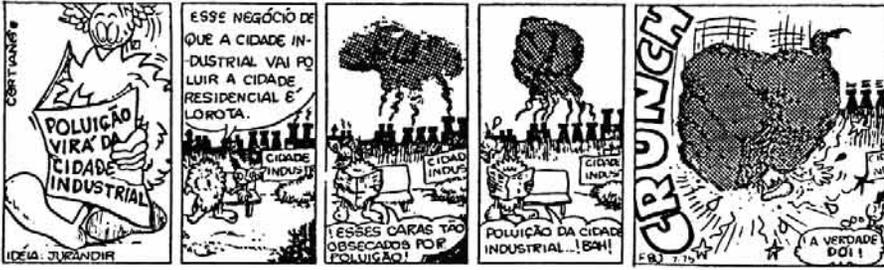
ENSAIANDO PRA SABER NA BANHA POLACA!

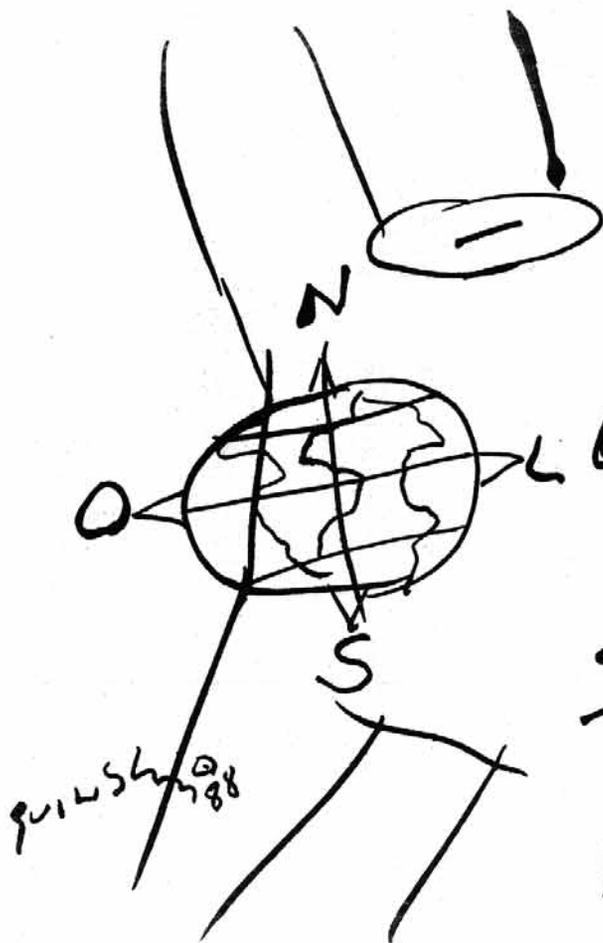


QUADRINHOS



QUADRINHOS





Depois de cinco anos e meio, ponto final em *A Nova Holanda*.

Nesse livro, o sonho, a memória e a imaginação filtram espectros do narrador. É um mosaico de quase-estórias.

Leque ficcional. Fragmentos, no sentido barthesiano da palavra. Um espelho do céu e do inferno. Os meus outros

eus com os quais me pareço. Para escrever *A Nova Holanda*

fiz trapaça com o demônio, porque vários guias espirituais

desertaram, entregando o jogo. Houve dias em que amanheci

vermelho de vergonha, mas logo me azulava. Enfrentei mais

horrores do que Ulisses idearia para o inimigo. Mas estou

orgulhoso: se a minha alma saiu chamuscada, permaneci fiel

ao que me propus. A sua redação custou saber-me quanto

papel e tinta. 2. 372 térmicas de café, imensas tesouradas,

três dúzias de lápis escolar nº 2, alguns metros de barbante,

um canto de borracha, quilômetros de noites indormidas e

a metade de um sonho. A epígrafe, de Dante, diz tudo: *Eu*

não morri, e não fiquei vivo.

7

Na metade da quadra, notou o homenzinho rente ao meio-fio, quase na esquina. O estranho desenhava gestos no espaço com as mãos: tecia uma rede imaginária. Segurando numa das pontas, a agulha invisível na outra mão trançava os fios do espanto, pespontando. A cada enredilhado correspondia um puxão, para melhor fixar o entrelaçamento. Uma laçada, o empuxo, e um passo à frente, até chegar na outra extremidade, espetada na haste do muro. Uma laçada, o empuxão, e meia volta. A aranha drogada e louca dançava, construindo a teia perfeita. Suspendeu a rede com delicadeza à altura da cabeça, e passou por baixo.

A NOVA HOLANDA

SERGIO RUBENS
SOSELLA

13

Antuérpia-

Os jornalistas acercaram-se, na tarde de ontem, da residência do promotor Julian van Hoeylandt, e ele, afligido, nervoso e embaraçado, asseverou que o barão belga foi encontrado morto, no lixo. E arrematou, aos gritos, que se faria justiça sobre o lixo; digo, sobre o barão do lixo; digo, sobre o belga barão; digo, sobre o luxo do barão; digo.

16

Feito

de inconfições, temores e amarguras, o outro adquiriu autonomia. Desliga-se de mim quando quer e faz o que bem entende. Comportava-se como um amigo de quem eu perdera a amizade, sem se mostrar inimigo declarado. Se intrometia nos meus transe, perturbando os espíritos dos vivos e dos mortos; triunfou ao distrair os meus dedicados e atônitos guias com baboseiras. Ultimamente, interfere nos sonhos, substituindo paisagens magníficas por víboras e aranhas, górgonas, água estagnada, anjos mutilados, abismos move-dícos. Se eu permitir maiores avanços, pintando e bordando, ele me arruinará. Bloqueio? Ontem, quis deixá-lo em definitivo nas mais obscuras regiões, e insinuei que as mulheres dessas paragens são facilímas de comer pela ausência de corpo. Não se iludiu. Exasperado, rosnando, arrebanhou dezenas de seres grotescos para me impedir o retorno. Cedi e regresssei, os pulmões sem ar. Só não o estrangulei por temer a reação dos que seduziu. Ele se fortifica com minhas fraquezas, sua origem. Será que se apavora e some se eu me suicido?

12 Dados os recentes acontecimentos no país, assinou-se decreto-lei com o seguinte teor: "Serão considerados legalmente mortos os que não respondam à convocação no prazo de noventa dias." Como desviantes e anti-sociais, destacam-se, na lista anexada: alquimistas, prostitutas, acrobatas, santos, indígenas, astrólogos, inventores, bruxos, crianças, possessos, arlequins, sortistas, insolventes, visionários, precursores, delirantes, prestidigitadores, esquecidos, lunáticos, contorcionistas, amantes traídos, poetas, vagabundos, mágicos, alcoólatras, homossexuais, crentes, benzedores e velhos.

46 O escorpião brota do claro, ao lado da vela. O gato lhe caça. Desenho animalando a parede. Miados, riscos, estralos, manchas, escorpeios. Empurro a luz para os cantos. As figuras se reanimam. Escorpeios, manchas, estralos, riscos, miados. Um, o outro: e a sombra marcha e salta, picando e mordendo; ronronam tenazes e bufa o peludo aracnóide contramarchando. Nonada. Sopra a chama as-

20 Todos seriam capazes de jurar que o dançarino morrerá. Afinal, quantos e quantos viram o seu corpo imobilizado recebendo visitas na horizontal, pela madrugada, o caixão na sala, esparadrapo nos maxilares, algodão nas narinas, rosário nas mãos, morto, morto, e o seu sepultamento, e os amigos retornando abatidos do cemitério naquele entardecer, o sol enroscado nas pontas das árvores. Todos seriam capazes de jurar que o dançarino morrerá; que morrerá e fora enterrado. Mas também muitos e muitos queriam a eterna danação de suas almas se mentissem; logo ao enterro, o bailarino, pés descalços, evoluçionava nas quadras, com movimentos fantásticos, inadivinháveis. Corpo, rosto e membros ampliavam-se exaltando o amor, o heroísmo, o desejo, a oempaixão, o encantamento, o medo, o desgosto, a cólera e a paz, sob a luz lunar. Num pulo em câmara lenta venceu o muro e ganhou as ruas da cidade misturando-se com a multidão.

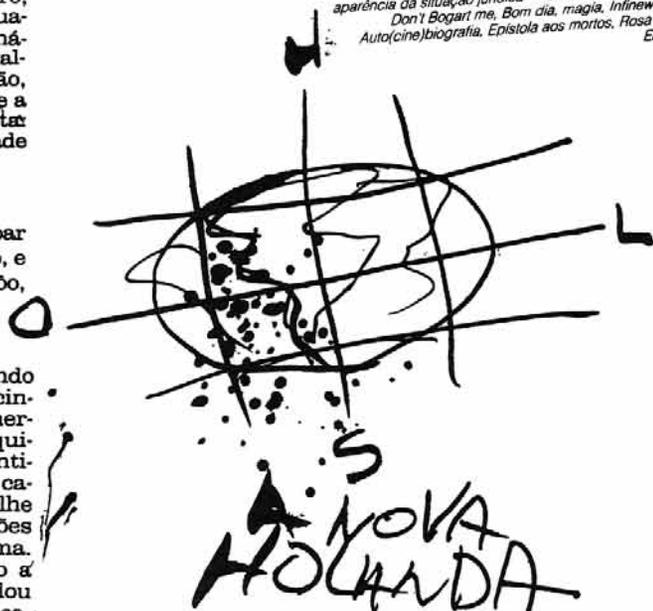
29 Voar é fácil: chegou a hora você se desloca no espaço, e sem sair do leito. Difícil é o transpor, nesse vôo, paredões de aço e de concreto armado.

40 Aflorando no mar, nadadeiras de tubarões, três, vinte, cinquenta, na altura do teto. Pior do que esses mergulhos ferozes até o cobertor, é ouvir a musiquinha "Oh! Rosa Maria" num andamento de lentidão lamentosa: a noite está fria, levante-se da cadeira e vamos soltar balões. Aqueles animais lhe estraçalharam no quarto de dormir. Se os balões subirem, serão apagados pelas ondas, lá em cima. Ou rasgados pelos tubarões. Ou incendiarão a roupa da cama. A desgraçada noite fria enregelou Rosa Maria; nem o seu espectro se erguerá da cadeira. Quem me ajuda a salvar Rosa Maria do mar, dos tubarões, de mim e dos balões?

26 No princípio você ouve algo assemelhado ao vôo de mil abelhas. Após uns meses, perceberá que o ruído é igual ao das batidas de asas de passarinhos voando juntos, em formação. Por derradeiro, discernirá: mãos que se esfregam ou luminosas pedras esbranquiçadas que se atritam no ar, um ou dois metros acima da cama. Nessa etapa, se você persistir no erro, estará espiritualmente liquidado, e nunca mais poderá fingir quando, onde, como e porquê perdeu a alma.

19 Manuscrito grampeado na página 157 de um exemplar de "Rationale Divinorum Officiorum" (Nápoles, 1839), de Gulielmus Durandus, que comprei na Feira dos Livros Usados, em Curitiba. As letras, apertadas e miúdas, não revelam desesperação. Na folha, o tempo apagou algumas palavras, e o final do texto, ininteligível, teve um pedaço rasgado. Transcrevo: "Ouvido antes dele sair: Quer se livrar de mim, não é? Pare, de vez, com essas orações fracas, pálidas, ridículas, ou lhe transmutarei num gomo de laranja, numa casca de ferida, num nó de corda (...) Não me aborreça com essas preces falsas e mendigantes, súplicas sonolentas e oblíquas, pretensamente elevadas, semostrarantes. Um segundo, fracionado de minha maligna eternidade, contém mais pecaminosidades do que um imbecil como você praticaria, com o meu auxílio direto, em todas as suas encarnações. Não se deboche e nem me insulte concebendo-se roído de vícios. Viva a vida e seja. Até aqui, você não passa de um oportunista ordinário, simulando ser justo e pecador. (...) abatido e despojado, gravitando na abulia (...) o pai não julga o filho (...) deserto (...) daimones ta epoyrania (...)".

Sérgio Rubens Sossélla, além de *A Nova Holanda*, lançado agora, também publicou, neste ano, um livro jurídico — *Da aparência da situação jurídica* — e oito coletâneas de poemas: *Don't Bogart me*, *Bom dia, magia*, *Infinetion Isaac*, *R*, *Auto(cine)biografia*, *Epístola aos mortos*, *Rosa Maria rosa e Entero do sol*.





Dimas Floriani

DO OUVIR E DO OLHAR

o social e suas representações
(primeiras anotações)

olhar: vários pontos de vista: o que se vê e o que se quer ver.
ouvir: vários postos de escuta: as funções várias do receptor.
a educação social dos sentidos: nem tudo que reluz é ouro.

Ouvir e interpretar. Essas duas qualidades não devem ser privilégio unicamente do psicanalista; o confessor ouve e não lhe cabe interpretar o sentido ou o significado do discurso, enquanto suporte do pecado do (in)fiel; ao confessor, intermediário entre Deus e os mortais, cabe indicar a mortificação para que o indivíduo, em sua pequenez, volte a merecer novamente o reino dos céus.

O puritanismo, em sua versão calvinista, batista e demais seitas protestantes, ao abolir a confissão, era intransigente em relação ao pecado. Abolindo a tensão existente entre ética e fé, *mundanizou* o sentido mais profundo dos preceitos teológicos. Doravante o eleito deveria fazer jus à salvação de sua alma, "salvando-se" do lado de cá, isto é, provando pelo trabalho e pela parcimônia a escolha que Deus havia feito de sua pessoa, como único intermediário de seus desígnios aqui na terra.

Weber definiu esse processo como "desencantamento" (*Entzauberung*) do mundo; o *ethos* (atitude) capitalista estava assim lançado.

Já a psicanálise, embora laicizando a culpabilidade oriunda da transgressão dos preceitos divinos, opera também na direção da transgressão, só que agora do desejo inconsciente.

O dilema do analista é ouvir, ser o outro, sem deixar de ser ele mesmo (transferência). T. Reik, no seu belíssimo livro *O psicólogo supresso*, fala do 3º ouvido (a famosa atenção flutuante. Lacan falaria também da pontuação do discurso. Claro que não se trata do nosso pingão nos *is!*).

O "cientista" social — chamemo-lo aqui de Ouvidor Social, pois é disto que estamos tratando — não é confessor, nem analista do inconsciente; atribuímos-lhe um *status* menos pomposo quando está entrevistando seu interlocutor com a finalidade de extrair um sentido da fala.

O antropólogo chamará essa intenção de pesquisa participante — ao mesmo tempo que participa, observa. Afinal está pisando em terreno alheio, daí, oia o diferente com óculos de grau; embora simbólicos, esses óculos acabam sendo influenciados pelo estado de espírito de quem está olhando. Se me coloco na janela a oiahar, vejo não só o que posso, mas sobretudo o que me interessa ver.

Aqueles mais habituados com a discussão sobre o método ou a Filosofia

da Ciência, esbarrarão aqui com a sempiterna discussão acerca do objetivo e do subjetivo, do ser e da consciência, da representação do real, etc., etc.

Também é conhecida a falácia da "opinião pública". Bourdieu, um sociólogo francês, sustenta uma posição extremada, dizendo que não existe opinião pública; esta é simulada, induzida, manipulada e muda como pode mudar uma marca de sabonete ou de cigarro.

É neste sentido que não basta um questionário rigorosamente confeccionado, aplicado e tabulado para estabelecer a cientificidade de seus resultados. Não se trata aqui de introduzir a provisoriedade da matemática e daquilo que é quantificável, mesmo porque a própria matemática é surda a seus resultados (novamente o ouvir!), mas de saber indagar o que está atrás da cortina. A *Imaginação Sociológica* de Wright Mills opera com essa racionalidade indagadora.

Mas o que está em questão aqui não é a discussão da epistemologia — teoria da ciência. Apenas queremos levantar alguns pontos sobre o observar. Observar o social ou, mais precisamente, indagar a fala do outro, entendê-lo pelo seu discurso.

Indagar é falar. Até aqui nos referimos só ao olhar e ao ouvir.

Se para o analista o silêncio é significativo, pois indica resistência, para o sociólogo o sentido do silêncio no entrevistado é recusa, negação da fala e nada mais.

É o sentido implícito do discurso explícito que faz sentido para o sociólogo. É dele que se extrai a lógica do suporte valorativo. Se o proprietário agrícola diz que o boia-fria é vagabundo, por exemplo, expressa um valor, no lugar social que ocupa, isto é, enquanto pertencente a uma classe social, oposta a dos boias-frias.

A distinção social é reforçada pela produção do discurso distintivo: o objetivo torna-se subjetivo e este torna o mundo "natural" para o sujeito do discurso. A opinião, o comentário, a piada são expressões típicas da produção desse discurso "natural", daí a ideologia ser envolvimento, cortina de fumaça. Desmereço no outro aquilo que oposita e positivamente quero merecer em mim, ou simetricamente, elogio no outro aquilo que merece destaque enquanto expressão de meu desejo. Daí o conteúdo valorativo no sujeito que fala.

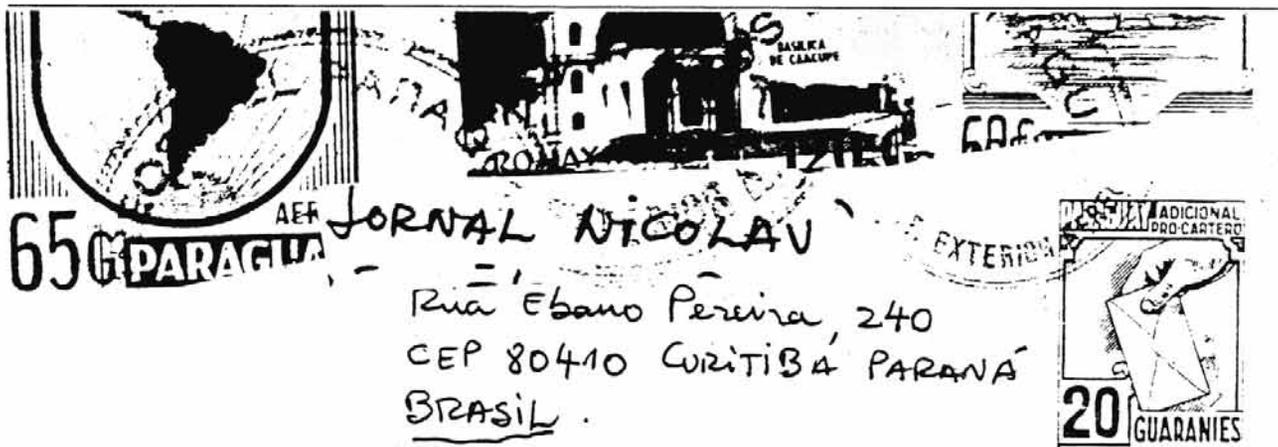
Quanto ao olhar, sua função na literatura é sinônimo de mistério e de não-dito.

Stendhal ("A Abadessa de Castro", in *Crônicas Italianas*) e Morávia (em 1934) exploram esse recurso. Trata-se aqui da sedução, dos olhares esguios e evasivos, semi-olhares, quase-olhares, mas olhares.

Quem olha não sabe dizer porque não quer dizê-lo. Quem é olhado quer ser visto porque também deseja olhar. Olhar aqui é desejar pela ambigüidade do não-dizer. É um não-saber do inconsciente, porque o inconsciente não sabe, deseja.

Dimas Floriani é professor de Política da UFPR, pesquisador do IPARDES e membro da Casa Latino-Americana de Curitiba.





É assim que se faz um pequeno/grande jornal: com fatos, entrevistas, assuntos vários. Em *Nicolau*/15, parabéns por Minas, por Ouro Preto, na 'Pluripalavra de Haroldo de Campos', pelo grande e inesquecível Lúcio Cardoso. Quem impede de ressurgir o que não foi, quem ousará o veto deste incêndio póstumo? Morrer é recomeçar, porque duramos das infundáveis mortes que recomeçamos. Bom o intercâmbio pretendido com o Paraguai. E uma sugestão: por que não ensinar espanhol aqui no Brasil, já que estamos rodeados de países que falam esta língua tão bonita, e ensinar nesses mesmos países o português? Assim haveria maior relacionamento entre os países da América Latina, e poderíamos deixar morrer à míngua o inglês, o francês e outras línguas tão bem divulgadas cá entre nós. Não que deixassem de ensiná-las, mas que incluíssem no currículo o espanhol. **Ilderaldo Francisco Ferreira**. Belo Horizonte — MG.

Sou poeta e vejo que poucos suplementos conseguem alcançar um nível adequado de discussão com *Nicolau*. Na maioria das vezes o que acontece é uma coisa regionalizada, fechada, sem interesse em assuntos realmente importantes e, o que é pior, com uma poesia de péssimo nível. O caso de vocês é diferente. Os poemas publicados são muito bons e, em *Nicolau*/15, sem baurrismos, destaque o de Guilherme Mansur. **Juvenal Bernardes**. Divinópolis — MG.

A propósito de crítica, é gratificante você abrir um jornal de cultura como o *Nicolau* e encontrar nele uma crítica deveras importante na simplória crítica literária, especialmente na área poética.

Ser poeta é ser crítico. Concordo plena e literalmente que hoje em dia a maior preocupação é com a aparência do poema, e não com o que a poesia nele contida transmite, sobretudo sua totalidade de ser (estar) presente. Poesia é liberdade, sentimento, conhecimento e tantas outras coisas que o poeta faz, convidando a uma longa viagem. Poema e poesia, operação entremeadada, ou seja, razão de criação, emoção de criação. Octavio Paz, em *O arco e a lira*, diz: "A poesia revela o mundo, cria outro; o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem".

Mais uma vez retomo que a crítica, e basicamente estou envolvida no estado de plenitude que é a poesia, não existe no processo de criar, que é o poema, e não resultado da criação, que é a poesia. Sendo assim, a crítica não cria, ela recria o que tão somente é revelação.

Sinto-me à vontade ao terminar de ler o que o Nairton Marques Júnior escreveu (revelou) no 'Mirante' do *Nicolau*/16. Parabéns ao seu trabalho. **Vanda Vilardi**. Rio de Janeiro — RJ.

Lendo a revista *Animal*, vi o anúncio deste tablóide e gostaria de receber mais informações sobre o mesmo. Sou fanzineiro e edito um fanzine chamado 'Quadrinhos Nova Era', cujo primeiro número já foi lançado. **Wellington Aparecido Pereira**. São José do Rio Preto — SP.

Não é preciso refletir muito para concluir que a literatura brasileira contemporânea sofre interferências diretas da televisão. Como se não bastasse a criatividade mediocre desenvolvida nos frequentadores assíduos de sua (auto) programação diária, esse aparelhoso e endiabrado está modelando nossa inocente composição literária.

Leia-se, por exemplo, um poema concreto, um "mapa-imundi" de Beto Carminatti ou os "roteiros" de Ademir Assunção (publicados em *Nicolau* 8 e 7, respectivamente), ou mesmo uma letra de rock brasileiro, e se terá uma noção exata do quanto anda interferindo a televisão no aparelho mental do escritor brasileiro contemporâneo. Interferindo, sim, porque o jogo de palavras por ele montado é uma demonstração precisa da influência televisiva.

Não é preciso ser PhD para saber que a televisão influi no modo de pensar do povo, não só formando opiniões como também atingindo a estrutura cerebral, sobre a qual se processam os caracteres mentais originários do pensamento ou raciocínio.

A fragmentação da realidade, acima de qualquer movimento literário, é uma consequência das miríades de imagens que arquivamos em nossa mente. Não é que uma vanguarda concretista se proponha a um novo tipo de arte, mas é que a inspiração de seus componentes deriva de um conjunto de imagens televisivadas e repensadas posteriormente sob a forma gráfica. E é por isso que, longe de ser concreta, essa vanguarda se faz totalmente abstrata ao se conduzir/conduzindo meras imagens ao prazer da grafia.

E é por isso, também, que a música e a prosa se manifestam tão radicalmente fragmentadas, a despeito de uma realidade que insiste em espicaçar. Mas, assim como não são as imagens de apenas um, mas de inúmeros programas o que programa nossa maneira de pensar, também não são exemplos esporádicos que sustentam esta teoria. Uma reflexão ou estudo mais profundo poderá revelar isso.

Roger Luiz Maciel. Estudante de Letras da FACISA. Foz do Iguaçu — PR.

Sei que em *Nicolau* mora a liberdade de opinião. Por isso, peço-lhe encarecidamente para publicar o seguinte: O "público" viveu neste final de 88 momentos hilariantes em torno do assassinato de Odete Roitman. Hoje, 23, enquanto a mídia fez um terrível escarécio para saber quem a matou, a TV noticiou sisudamente e com um tom ficcional o assassinato (por ignorantes latifundiários paranaenses), no Acre, de CHICO MENDES (combatente da ecologia e dos seringueiros).

Genete, o Brasil vive uma situação de guerra civil não assumida e a mídia consegue fazer da ficção realidade, e desta ficção. A prestidigitada na TV será tão necessária assim para o Brasil? A quem encobre — e deforma — com esse jogo de espelho? Abaixo a banalização da realidade! Grato e abraços. **Dimas Floriani**. Curitiba — PR.

cartas na página

ORWELHAS NEGRAS

■ Saindo do prelo o quarto número de *ORWELHAS NEGRAS*, publicação mensal do Sindicato de Escritores de Minas Gerais. Redação: Rua da Bahia, 1148, sala 703. Ed. A. Mallieta. CEP: 30169. Belo Horizonte — MG

Nesta década de 80 prevalece no mundo literário, bem como na imprensa em geral e em movimentos culturais (até mesmo no relacionamento entre as pessoas!), uma certa tendência (fruto da sociedade baseada e construída sobre os princípios da competição) para a existência daquilo que eu chamaria de "democracia da conveniência". Na realidade, essa tal "democracia da conveniência" prejudica muito a luta pela preservação dos valores humanos (e, portanto, culturais). Qualquer pessoa, com um mínimo de senso ético e interesse por uma luta sincera, percebe que não é esse o caminho. Ou seja, a troca de elogios em detrimento do conteúdo, o compadrismo, a formação de grupinhos etc., etc., etc. Tudo isto não tem nada a ver com a verdadeira literatura ou com a arte.

É pois com muita clareza que vejo o jornal *Nicolau* fora deste esquema. Está acima ou à frente disso. Consegue sair desse círculo e se manter vivo, e parece não ter se deixado contaminar pelo espírito que tem tomado conta de muita gente hoje em dia. Só através desse modo de ser universal conseguirá manter sua independência, tão necessária a qualquer condutor de idéias ou qualquer órgão que pretenda preservar ou registrar o que se produz ou o que se renova dia e dia, apesar do aparente marasmo e do sufoco atual. **Marciano Vasques**. São Paulo — SP.

RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA

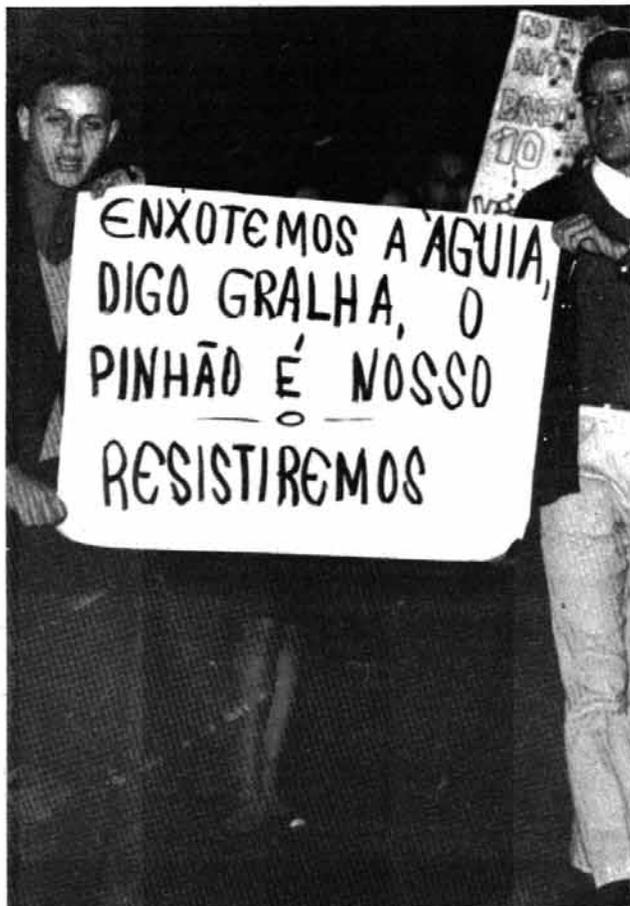
Nilson Monteiro

Dos escombros da ditadura de 64 surge *Resistência Democrática — A Repressão no Paraná*, no qual Milton Ivan Heller mostra a banda podre do poder aqui na terra. Nilson Monteiro comenta esse dossiê e entrevista o autor: roteiro da pesquisa e crítica da linha dura que ditou e desditou neste país. E no box o autor, de próprio punho, traz à cena a *ação* nos bastidores da corrupção e seus protagonistas. *Podres poderes*, sim, como diz Caetano, o Veloso.

Aviso: não é um livro para ser lido com prazer. Não é um doce de leite. É um tijolo (afinal, são 693 páginas) que embrulha o estômago, o cérebro, a consciência de sentir-se humano. *Resistência Democrática — A Repressão no Paraná*, de Milton Ivan Heller, publicado em conjunto pela editora Paz e Terra e Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná, cumpre o papel de uma grande reportagem, ainda inédita, apesar de pedaços publicados aqui e ali, sobre os horrores de duas décadas de ditadura no país, especialmente focalizada no Paraná, que, infelizmente, não ficou de fora do absurdo da intervenção militar e suas crias.

Uma das virtudes desse livro é esta: resgata um período histórico violento, infeliz. É como se fosse assim: olhe esta desgraça aconteceu em seu bairro, cidade, estado e país. As pessoas envolvidas são conhecidas, vizinhas. Ou, no mínimo, são públicas. Mas, além disso, *Resistência Democrática* permite brechas para questionamentos dos personagens envolvidos neste naco da História, começando pelo próprio estado: o livro, afinal, é uma espécie de auto-crítica do poder estadual (e/ou oficial), que, no mínimo, foi omissa, embora os detentores do poder atualmente sejam outros. É um documento de situações trágicas no Paraná de 1964 a 84: a degradação do sistema jurídico, das liberdades, dos direitos e deveres e das garantias dos cidadãos. Não é uma peça só informativa, mas questionadora. Como um estilete, cutuca. Implica. Os fantasmas da ditadura ainda arreganham os dentes. Claro. E também os partidos de esquerda continuam insistindo em erros primários, decorando lições emboloradas, sem perceber a alfabetização da História. É o que diz o livro de forma muito direta: dezenas de depoimentos de envolvidos, coletados em todas as regiões do estado e mesmo fora dele. É a palavra de quem viveu na carne — e no espírito — a experiência dolorida de um regime militar, que não admitia dissidências. E que a elas cassou (e caçou), respaldado pela doutrina de segurança nacional, de forma bárbara, em detrimento de qualquer direito civil.

Há buracos no livro? Há. Depoimentos dispensáveis, que nada acrescentam, muito pelo contrário. Encheção de lingüça. Ou cópias de processos, que também pouco acrescentam. Idem. Coisa repetitiva, que traga o fôlego de quem lê. A resistência democrática em alguns pontos do estado, por exemplo, é abordada *en passant*. O movimento universitário em Londrina mereceria, por sua amplitude, mais do que o registro que



Passeata: passos após passos somados em defesa de liberdades. (Foto do arquivo de Cid Destefani, não incluída no livro *Resistência Democrática*.)

o trabalho de Milton Ivan Heller permitiu. É só um exemplo. Bem como a forma dessa grande reportagem, que pode cansar ao menos interessado, com breves intervenções do autor recheando dezenas de depoimentos. Ou alguns depoimentos imprecisos, outros promocionais, com badalações pessoais. Cascatas. O material fotográfico é pobre, bem mais acanhado do que o já publicado por jornais paranaenses. E merecia uma disposição melhor, intercalada nas páginas, digamos, até como forma de suavizar a rigidez da leitura.

Contudo, os senões que possam, por acaso, ser apontados, não tiram o brilho da publicação, por demais oportuna nesses tempos de transição. Até porque (registre-se, sem fobias de justi-

ficativa) o livro foi feito em pique urgente, com apenas dois anos de trabalho, desde o início das pesquisas e coleta de depoimentos até a sua publicação. Houve carradas de dificuldades, o que, aliás, não é novidade alguma no Brasil, ainda mais em se tratando de tema tão espinhoso. Porém, tudo é nada perto do produto final. Vale o atacado. O varejo não importa.

O livro tem algo de didático, com um resumo da História brasileira, tão apunhalada por golpes. Poucos foram os hiatos democráticos no país. Como diz Milton Ivan, "a própria Proclamação da República foi uma quartelada, um golpe de Estado". Há, então, um resumo para iniciados entenderem um tanto melhor o porquê de 64, um golpe em

nome de interesses de classes minoritárias. Um movimento que, em seus primeiros momentos, sacudiu o país e, ao longo dos anos, o oprimiu. O livro, aliás, tem muito de didático, desde que o leitor não tenha areia nos olhos.

A brutalidade, e seus filhotes, fez parte do dia-a-dia brasileiro de 31 de março a abril de 84, quando foi libertado o último preso político do país, Juvêncio Mazzarollo, em terras paranaenses. A violência, e suas crias imbecis, fez parte do dia-a-dia daqueles que discordavam do regime imposto à Nação: só no Paraná, houve 2.726 prisões por motivos políticos, de março de 64 a março de 79. E o livro de Milton Ivan Heller vem acordar este tempo, onde a truculência e o desrespeito viraram praga, mas também a solidariedade espalhou-se, viva, dentro e fora das prisões.

Resistência Democrática — A Repressão no Paraná lembra este tempo como testemunha dos gemidos, das feridas, dos tormentos, sofrimentos e lutas de uma geração. Mas também como testemunha da crença dessas pessoas, milhares delas, em uma existência humana mais justa. Ou, até, mais humana. Acorda este tempo como esperança. Não a simples palavra esperança, mas a sua substância: a de que o Paraná nunca mais precise escrever livros como este.

TODA DITADURA TEM ÓDIO MORTAL À INTELIGÊNCIA

Milton Ivan Heller tem 57 anos e quase 30 de batucada nas teclas. É um profissional que já varou tudo — jornais, revistas, rádios e televisões. Por onde passou, foi um cara apaixonado pela reportagem, pela notícia funda, pelo trabalho de fôlego, geralmente publicado em série. Coisa pra informar e formar, necas de jornalismo inosso. Não abandonou esta mania ao "aposentar-se" das redações há três anos — ele não pendurou a caneta. Com um grupo, integrado pelos jornalistas Justino Vilela Júnior, Paulo Roberto Domingues, João Arruda, Wilson Bueno e Adelia Lopes, pela pesquisadora Lígia Vieira César, pelos professores Ruy Vieira e René Ariel Dotti, produziu o *Resistência Democrática*, uma reportagem extensa sobre a repressão no Paraná.

Pouco habituado a cumprir o papel de entrevistado, Milton Ivan falou-me de seu livro. Eis:

"A grande pretensão deste livro é evitar que a memória se perca. Não podemos nos esquecer do que aconteceu no Paraná e no Brasil. Este livro pretende ser uma espécie de resgate moral das pessoas de todas as tendências políticas, e inclusive daquelas

que não tinham tendências, que foram vítimas da repressão. O regime que se abateu sobre o Brasil a partir de 1964 caracterizou-se pela violência, que é uma das características do fascismo.

Nosso trabalho revela uma coisa fundamental: toda ditadura tem ódio mortal à inteligência. Tem medo das pessoas esclarecidas e conscientes. No Paraná, este regime voltou-se contra a inteligência, a começar pela Universidade Federal, seus professores, a Universidade Estadual de Londrina, seus professores e alunos, enfim contra o ambiente universitário. Em nosso estado, a universidade ainda não se recuperou das baixas da repressão. Principalmente porque ela deixou de ser uma universidade pluralista, resultando neste tipo de instituição que temos hoje: anestesiada.

Outra grande vítima da repressão foi a juventude. Onde está, hoje, a constatação da juventude? Há, sim, um descrédito total. E que futuro terá este país com o tipo de comportamento que verificamos na juventude hoje, que, aliás, é um resultado objetivo dos horrores da repressão dos famosos 20 anos? A violência contra a juventude foi desproporcional, o aparato policial foi desproporcional, para os militares não há limites de violência.

Nosso livro tem ramificações. Por exemplo, questionando: a anistia beneficiou os torturadores. E quem foi torturado? E quem perdeu seus familiares, torturados e mortos pela repressão? E quem perdeu a sanidade mental, como, por exemplo, um



médico do norte do estado, cujo drama contamos no livro?

A repressão foi terrível no país todo e mesmo em um estado periférico, como o Paraná. É preciso saber disto. E não só da repressão, mas da corrente de solidariedade que se formou em todo o estado — ela não ficou apenas nas palavras; lutou objetivamente contra a ditadura. Desde advogados de presos políticos, que trabalharam muitas vezes sem receber nada, a clubes de mães, à própria Igreja, que, num primeiro momento, apoiou o golpe e, depois, fez sua autocritica, defendendo, de maneira fantástica, os direitos humanos. Enfim, houve uma corrente solidária com os atingidos pela ditadura que, afinal, recuou com os sintomas da chamada "abertura" e da anistia. Mesmo com esta grande frustração nacional, chamada Nova República, sabemos que a ditadura recuou.

Nosso livro tenta mostrar que não inventaram nada melhor que a democracia para a convivência humana. Apesar de, historicamente, no Brasil a democracia ser exceção, há provas concretas que o País se desenvolve mais e melhor, principalmente do ponto de vista das relações humanas, no regime democrático. Se a ditadura pode voltar? Pode. Há um vai-e-vem da democracia no Brasil, apesar da demonstração de que os horrores da ditadura são malfélicos. Só pra se ter uma idéia dos resultados infelizes da tal doutrina de segurança nacional, criada pelos governos pós-64: hoje, as pessoas têm medo de se apresentar como nacionalistas."

Nilson Monteiro é jornalista

PRENDIAM GENTE BOA

Milton Ivan Heller

Só os masoquistas gostam de recordar os tempos de desespero, torturas, exílio e violência do Estado militarizado contra pacatos e indefesos cidadãos. E o que dizem alguns críticos de ocasião, referindo-se ao livro *Resistência Democrática*. E aproveitamos para acusá-lo de parcial e discriminatório, porque seu autor não saiu em campo para ouvir torturadores, o que possibilitaria a outra versão da História.

A estas duas objeções respondemos serenamente: se fossem retiradas todas as páginas negras da história da Inglaterra, por exemplo, esta história seria um livro em branco. Nem por isso os súditos do chamado Reino Unido deixam de cultuar os seus heróis e lablábliá. Torturador nenhum se apresentaria para depor honestamente e não estamos preocupados com outras versões, mas simplesmente com os fatos, como realmente aconteceram, por que, quando, onde e como. Fizemos isso deixando ao leitor o direito de chegar às suas próprias conclusões.

Peripécias de Ney Braga

Embora tenha conseguido sobreviver à revolução de 64 como homem de confiança do regime, nomeado ministro da Agricultura de Castelo Branco e ministro da Educação de Ernesto Geisel, que posteriormente o indicou como governador indireto do Paraná, o general Ney Braga também teve sérios problemas.

O primeiro deles ocorreu no dia 25 de agosto de 1961, quando os jornais publicaram uma entrevista do então governador do estado, manifestando sua integral solidariedade à política externa de Jânio Quadros, que renunciaria minutos após presidir as solenidades alusivas ao Dia do Soldado.

Dias depois divulgou-se o manifesto da Frente Nacional de Libertação, assinado por Ney Braga:

"Com a renúncia do presidente Jânio Quadros criou-se no país uma séria crise política. É necessário dizer-se à nação que os ministros militares Odylio Deni, Grum Moss e Sílvio Heck, ao vetarem o nome do sr. João Goulart, não o fizeram por conta própria, porém atendendo à imposição do capital estrangeiro e obedecendo às forças mais retrógradas da Nação".

Articulada por Carvalho Pinto e Cid Sampaio, com o apoio de Ney Braga, Magalhães Pinto e outros, a Frente Nacional de Libertação pretendia opor-se à Frente da Libertação Nacional, liderada por Leonel Brizola, Miguel Arraes e Mauro Borges, de características mais à esquerda.

Em 30 de novembro de 1966, Ney foi acusado de financiar o jornal *Última Hora* durante o seu primeiro governo, para fins políticos, com dinheiro da campanha "Paraná em flagelo". A acusação foi feita por Antônio Bruneti no seu depoimento ao IPM da *Última Hora*.

Aventuras de Giavarina

Valmor Giavarina estava na Prefeitura de Apucarana, quando o comandante do batalhão local, major Ricardo Ritter von Chelita, decidiu que não haveria carnaval de rua.

"— Existe carnaval de rua em todo o país, por que não em Apucarana?"

— Isso é problema meu. Carnaval só em clube.

— Tudo bem, então o sr. me manda um ofício que eu terei de divulgar, dizendo que por determinação do Exército não haverá carnaval de rua.

— Não vou oficiar. O sr. já está avisa-

do e se houver carnaval de rua, o sr. será o primeiro a ser preso".

Dois dias depois saiu um bloco com banda de música e Giavarina na frente, de bermuda. Von Chelita mandou fotografar tudo e convocou os vereadores para uma reunião no quartel, dizendo que o prefeito faltou com o decoro parlamentar.

"— Exijo o *impeachment* ou vou providenciar a cassação de todos vocês".

Achando que Apucarana não podia ter dois prefeitos, Valmor Giavarina veio a Curitiba, procurou o comandante da 5.ª Região Militar, general José Campos de Aragão, e relatou tudo.

"— Nesse clima não é possível administrar a cidade. Então o sr. fique com as chaves da Prefeitura".

O general não quis acreditar no que ouvia, mandou investigar e imediatamente providenciou a transferência de von Chelita.

Cassado depois de absolvido

Miguel Dinizo teve seu mandato de deputado estadual cassado, seus direitos políticos suspensos por dez anos e perdeu o emprego de médico da Secretaria da Saúde.

"Eu soube da cassação pela Voz do Brasil. Vasculei minha vida na Assembléia Legislativa e em Cambará, e não achei nada. É verdade que eu tinha respondido a um IPM, acusado de apresentar o líder comunista Gregório Bezerra, na minha rádio. Uma acusação ridícula, pois quem tinha se apresentado naquele dia foi o cantor Gregório Barrios, de tangos e boleros. Fui absolvido, reeleito deputado pela terceira vez e depois disso fui cassado, sem nenhuma explicação. No dia seguinte à anistia fui ao cartório buscar o meu título de eleitor, retornando ao PDS e elegendo-me prefeito de Cambará pela terceira vez".

O "furação" Leon Peres

Ao tomar posse como governador indireto em 15 de março de 1970, Haroldo Leon Peres afirmou que finalmente a revolução chegava ao Paraná: "Agirirei com mão de ferro contra a corrupção e a subversão, se constatar a sua existência no estado".

Desde o início, ele soube cultivar inimigos, atacando os salários dos desembargadores em nome da moralidade administrativa. Anunciou que não liberaria os pagamentos devidos aos empreiteiros, em nome da estabilidade financeira. Inviadiu com força policial os estúdios da TV Iguçu, Canal 4, para apreender *scripts* que considerava insultuosos. Rompeu com seus antecessores Paulo Pimentel e Ney Braga. Investiu contra o Tribunal de Contas, menosprezou a Assembléia Legislativa.

Em 23 de novembro do mesmo ano, ele foi obrigado a renunciar. "ou ouvirá a sua destituição pela Voz do Brasil", disse-lhe o ministro da Justiça Alfredo Buzaid, acusado de corrupção. As acusações eram as seguintes:

- 1 — O governador exigiu de Cecílio Rego Almeida, o mais poderoso empreiteiro do Paraná, um depósito de um milhão de dólares no exterior, para liberar o pagamento de 60 milhões de cruzeiros devidos pela construção da Estrada de Ferro Central do Paraná.
- 2 — Recebeu 170 mil cruzeiros de empresários do estado para a reforma de sua casa na rua Garcia Velho, bairro Juvevê.

3 — Leon Peres e João Ribeiro Júnior, secretário da Fazenda do governador Moyses Lupion (1955-60) e diretor IBC, compraram glebas de terra: preço vil em Matelândia.

Segundo a edição da revista *Veja*, e foi apreendida, ao noticiar a "renúncia" Leon Peres, as últimas acusações não foram provadas, nem o governador as admitiu publicamente. Mas a primeira foi documentada, filmada e fotografada pelo SI por solicitação de Cecílio Almeida, que seguiu uma gravação incriminadora de uma conversa entre ambos, utilizando-se de um pequeno equipamento conhecido por 007 Multitone, que cabe dentro de uma carte de cigarros. A conversa realizou-se na praça de Copacabana, em frente ao hotel onde Leon Peres se hospedara, e o 007 transmitiu, palavra por palavra, nítido e claro a um receptor instalado em um carro a 12 metros de distância.

Ouro de Moscou

Milo Albini era estivador em Paraguá e foi preso no cais do porto, no dia 4 de abril, por um sargento e três soldados do Exército, todos armados.

"Me levaram para Curitiba como eu fosse um bandido e nem me deixaram mudar de roupa. Diziam que eu era subvivo, mas eu não participava de partido nenhum. Apenas frequentava o sindicato participava de reuniões com os colegas, tendo por melhores salários. Depois de 18 dias me soltaram e eu voltei para casa. Recusei de ir ao cais do porto, Milo Albini ficou em casa alguns dias, até que decidiu voltar ao trabalho. Sabei antes do dia claro e pouco depois sua casa foi invadida por homens armados, atemorizando sua mulher e os filhos pequenos.

"Perguntaram se eu tinha fugido e fiquei lado a lado. Procuraram até dentro do guarda-roupa. Acabaram me prendendo e frente à igreja e me levaram para um quartel do Exército em Curitiba. Como eu não sabia de subversão nenhuma, me soltaram uma semana depois. Mas passei muita vergonha porque os policiais diziam que os presos políticos queriam vender o país para Moscou e perguntavam quanto vinha de lá, quanto eu recebia por mês. Eu não sabia de nada disso, apenas tinha sido candidato a vereador pelo PTB e participava do sindicato para melhorar a minha vida e a dos companheiros."

Interrogado por militares, Milo Albini afirmou que, desde a infância, frequentava a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

"Eles não acreditaram, achando que aquilo era um pretexto que eu imaginasse para sair da prisão. Mas, dias depois a minha mulher foi me visitar e trouxe a Bíblia que eu tinha em casa. E foi com o deputado Igo Losso, que era da nossa igreja. Só assim eles se convenceram. Os militares punham gente boa na cadeia e deixavam os bandidos na rua. Mais tarde, quando requeri minha aposentadoria, resolvi buscar cópia dos meus dados de minha prisão e não achei nada. Depois eles eu nunca fui detido."

Milo Albini não foi torturado, mas a situação deplorável a que foram reduzidos outros presos políticos.

"Chegou um rapaz com as roupas rasgadas e eu perguntei: Onde você foi preso? — Me prenderam na roça, no Norte do Paraná, porque no sindicato a gente lutava por melhor salário. Na cadeia não me deixaram dormir e jogaram água no cimento várias vezes por noite. Depois me bateram só de pé."

De fato, ele não conseguia parar o pé. A família sem saber onde ele estava o trabalhador sem poder pedir aumento de salário. Achei aquilo uma barbaridade."

LOAS DE LO

NEGRA

LOAS DE NOS

BORACOS NEGROS

BEIJOS E AIG